

POOR OWN TRAZ COOPOMEL I MEOCCOMDE DE I MUMMA

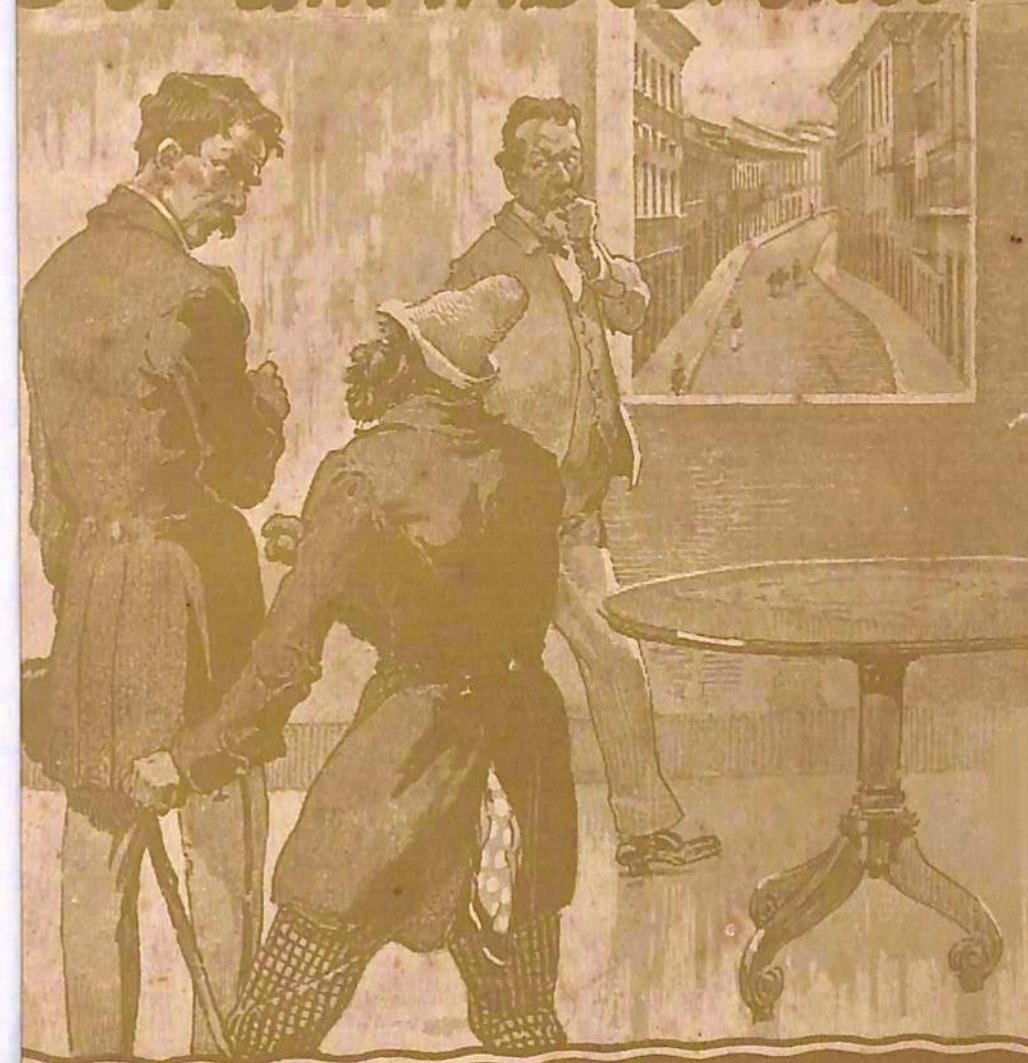
VISCONDE DE TAUNAY

POR UM TRIZ CORONEL!



VISCONDE DE TAUNAY

Por um triz coronel!



EDITORA COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA) S. PAULO · CAYEIRAS · RIO



TEA
5P

VISCONDE DE TAUNAY

A Conquista do Filho ◦ Por um triz coronel!

Da mão á boca se perde a sopa

Joaquim Galgano.
S. Paulo,



EDITORA
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

PREFACIO

Quatro foram as peças theatraes escriptas pelo Visconde de Taunay das quaes dois dramas, uma comedia e um proverbio. A tres fez imprimir.

Em menino e adolescente computera ensaios que mais tarde rasgou, taes como as comedias *A dedicação de Zopyro*, *Dona Pancha*, e um libretto de opera, obra dos dezesseis annos: *Andromaca*, cuja musica começou a compor conforme varias vezes me relatou.

Mas, por ordem chronologica, a sua primeira producção theatral foi o pequeno proverbio *Da mão á bocca se perde a sôpa* que depois incluiu na collectanea das *Historias Brasileiras*, editadas em 1874. Em 1878 escreveu para Carlos Gomes um libretto *Paraguassú*, depois chrisnado *Moema*. Jamais o imprimiu, aliás, nem elle foi aproveitado pelo compositor. Passado algum tempo publicou em março de 1880 na *Revista Brasileira*, (phase Midosi) a engraçada comedia de costumes politicos de nosso interior: *Por um triz coronel!*

Em 1886 fez apparecer *Amelia Smith*, drama em quatro actos ultimamente reimpresso em segunda edição pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo numa linda tiragem, escusado é dizel-o.

Chamou esta peça, então, e muito vivamente, a attenção dos principaes criticos do tempo. Mereceu francos elogios de reputados theatrologos, como Arthur de Azevedo e reparos de outros escriptores.

Em geral, porém, obtive a melhor acolhida.

A vida prodigiosamente activa do politico e propagandista não permittiu a Taunay occupar-se da montagem do drama.

Nos ultimos annos de vida havendo travado relações com o romancista e autor dramatico francez snr. Olivier du Taiguy (o traductor de *Innocencia* sob o pseudonymo de Olivier du Châtel) induziu-o este a que vertesse *Amelia Smith* para o francez afim de submeter a peça á apreciação de um grande theatro parisiense.

Foi o que meu Pae fez, segundo deprehendo das seguintes linhas de seu punho e assignadas, que em seu archivo encontro:

«Na versão franceza, condensei todas as scenas; cortei a das agenciadoras de subscrição de caridade e outras, eliminei todas as allusões á politica local e reuni num só typo o primo medico e o Dr. Ramos, de modo que a scena capital do ultimo acto — que é legitima novidade no theatro — ficou muito mais vibrante e pungente.

Disse-me Olivier du Châtel: Le drame à présent se tient superbement sur ses pieds. Que impressão produzirá em scena? Ignoro.

(a) VISCONDE DE TAUNAY

Jamais, aliás, me avistei com esta versão franceza de *Amelia Smith*. Nem sei que paradeiro tiveram os seus originaes, talvez ficados em poder do Snr. Olivier du Taiguy.

A ultima producção theatral do seu autor foi *A conquista do filho*, drama destinado a ser representado em Paris, por apresentação ainda do snr. du Taiguy. Della deixou meu Pae um rascunho muito completo que fiz inserir na *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Completando a impressão da obra theatral do autor de *Innocencia* resumo neste volume o drama e as duas comedias acima citados.

Como os direitos autoraes de *Da mão á bocca se perde a sôpa* caibam ao Snr. Augusto Garnier, proprietario das *Historias brasileiras* cumpre-me o dever de declarar que pude aqui pu-

blicar a comedia, graças á gentileza e cortezia do Ex^{mo}. Snr. Dr. Emilio Izard, o fino cavalheiro que é o gerente da Livraria Garnier no Rio de Janeiro, de quem recebi uma autorisação neste sentido, redigida nos mais delicados termos.

E' um volume por assim dizer inedito da obra de Taunay que neste tomo ao publico offerece a Companhia Melhoramentos de S. Paulo, a cujos dignos directores e meus prezados amigos expresso mais uma vez os meus muitos agradecimentos.

S. Paulo 17 de março de 1931.

AFFONSO DE E. TAUNAY

A CONQUISTA DO FILHO

PEÇA EM 4 ACTOS

PERSONAGENS

ARMANDO DESPÈRES.
LUIZA, *sua mulher*.
VICENTE }
OSCAR } *seus filhos*.
RAUL DES QUESNELLES.
JOSEPHINA, *velha creada*.

A scena em Pariz, em nossos dias. (1)

ACTO I

(Um salão em casa de Despères no campo, arredores de Pariz).

SCENA I

(Josephina, a espanar a mobilia).

JOSEPHINA

Parece que aqui estão a esperar aquelle... (*interrompendo o monologo intencionalmente*)... celebre Sr. Raul que felizmente já desde muito não era mais visto... Minh'ama julgo-a inquieta... aborrecida mas forçoso é convir: o patrão parece radiante. Oh! os homens! e as mulheres tambem! Será preciso, como outr'ora, supportar tantos sobresaltos mortaes, tão ter-riveis choques e tão continuos?

Agora a coisa será mil vezes mais grave com Oscar... que já é um mocinho, a beirar os seu dez-oito annos, tão bom... tão meigo: tão orgulhoso da mãe e do... pai! Quantos mysterios nesta pobre existencia humana até mesmo quando a vida, como nesta casa, se escôa num ramerrão... Oh Deus! de que modo organisaram os homens as coisas da lealdade, da honra e do dever! (1).

(1) Pode-se continuar estas reflexões não se as fazendo por demais philosophicas, para uma velha criada, extremamente dedicada á sua ama, desde muitos annos, um tanto resmungadora e amante de dizer franquezas aos patrões (N. do A.)

(1) Entre alguns ineditos, por meu Pae deixados, encontrei o rascunho de uma peça em quatro actos. *La Conquête du fils*, em que começara a trabalhar, em outubro de 1896, n'uma vilegiatura em Caxambú, em colaboração com o Sr. Olivier du Taiguy, diplomata e homem de letras francez, a quem se deve a traducção de *Innocencia*, editada em volume pela livraria Léon Chailley, em 1896, e autor de diversos romances (*Regain d'amour*, *Une idylle à rebours*, etc.) e peças theatraes (*Coup manqué*, *La belle Corisandre*, etc.)

O texto aqui impresso, é a primeira idéa da comedia, escripta á medida que as idéas despontavam. Enviando o esboço da *Conquista do Filho* ao seu collaborador, que se propunha a fazer representar a peça num theatro parisiense, esperava-lhe a devolução, anotada e modificada, o Visconde de Taunay, afim de lhe dar definitiva forma, quando a aggravação de antiga e implacavel enfermidade veio contrariar este projecto. Summamente entristecido com o desaparecimento do confrade e amigo, abriu mão o sr. du Taiguy do primitivo plano e recambiou o esboço á familia do autor, sem lhe haver feito a menor alteração. Assim pois, é elle todo da lavra do Visconde de Taunay, copia de originaes em que ha duas ou tres rasuras e outras tantas insignificantes emendas — Affonso de E. Taunay.

SCENA II

(Josephina, Des Quesnelles).

DES QUESNELLES (*entra como um furacão. Forte, alto, esbelto, olhar muito vivo; cabellos a embranquecer*)

Afinal! eis-me de volta! de novo em Pariz! (*com impeto*) oh a bôa Josephina, como me alegre tornar a vel-a! E a sua patrôa? E o bom amigo Armando?

Só de Bordeaux é que quiz telegraphar-lhe. Tencionava fazer uma surpresa.

JOSEPHINA (*seccamente*)

Com effeito, tivemos uma surpresa. Ninguem com ella contava (*frisando*). Tambem que idéa a sua... vir de tão longe... Quando a gente está bem em paizes longinquos vai se deixando ficar. E' o que ha de mais certo.

DES QUESNELLES (*sorrindo*)

Quer você dizer com isso que já me deshabituei da vida civilisada?

Quem sabe? Quem sabe se não andei mal saindo do Brasil? No emtanto... o passado me attrahe com tanta força!

JOSEPHINA

Hum! o passado... que idéa pretender resuscitar coisas velhas sem mais razão de ser! Pretende o senhor tingir os cabellos e os bigodes do passado? Não haverá quem se engane; previno-o... disso.

DES QUESNELLES (*commovido*)

Minha boa Josephina, você sempre a rabujar e

a resmungar contra mim... No emtanto não posso esquecer... e nunca o fiz... todos os serviços que nos prestou, tanta discreção, honestidade e prudencia.

JOSEPHINA (*muito seccamente*)

Não o comprehendo de todo (1) Emfim... vou avisar a patrôa.

SCENA III

(Des Quesnelles, só).

DES QUESNELLES

O primeiro encontro não é dos mais animados. Emfim... não passa de incidente bem secundario, aliás. Comtanto que o meu plano surta effeito... ha dois annos que me atormenta, como verdadeira obsessão! tudo tive de deixar... e parti... Lá a empresa me parecia tão facil quanto natural... uma victoria de Cesar... chegar, vencer e partir de novo. Desde porém que desembarquei em Bordeaux, as coisas tomaram outra feição... (*volta-se ao ouvir ruido á porta*).

SCENA IV

(Des Quesnelles, Mme. Despères, ainda muito bella e elegantemente trajada).

DES QUESNELLES

Minha senhora... (*baixando a voz*) Luiza...
MME. DESPÈRES (*muito calma e estendendo-lhe a mão*)
Sr. Des Quesnelles... o seu telegramma surpre-

(1) Pode-se continuar esta scena com o que está esboçado. (N. do Autor).

hendeu-nos muito. (*Faz-lhe um gesto convidando-o que se assente*).

DES QUESNELLES (*perturbado*)

Surpreza, apenas? Nada mais? Com isso não contava...

Mme. DESPÈRES

Mas tambem... após tão longa ausencia... dezesete annos...

DES QUESNELLES (*enfado*)

Como dezesete annos? Dezenove, quasi vinte! E' facil calcular...

Mme. DESPÈRES (*um tanto ironica*)

O Sr. bem sabe quanto nós outras, mulheres, somos avessas ás contas... Pois bem, admittamos que sejam dezenove... (1)

DES QUESNELLES (*commovido*)

Pasma-me o modo pelo qual a Sra. me recebe... Luiza, Luiza! lembre-se como lhe fui obediente. Acaso não parti, não me exilei quando de mim tal exigiu, tal me impoz?

Mme. DESPÈRES (*friamente*)

Nunca o fiz! (*timida e commovida*). Por favor, fale mais baixo! Podem ouvir-nos! Meu Deus! que veio o senhor aqui fazer, após tão longa ausencia? Essas coisas já estão tão longe! Quantas vezes me tem parecido que nem aconteceram... que são simples effeito de imaginação...

(1) Seria conveniente talvez prolongar esta situação até o momento da explosão (N. do A.)

DES QUESNELLES (*approximando a cadeira*)

Para mim não! mil vezes não! O tempo passou, mas a sua lembrança, a recordação dos nossos annos de felicidade não me deixou um só instante sequer...

Em todas as minhas viagens acompanhou-me sempre...

Ultimamente então tornou-se irresistivel obsessão... que não pude dominar, apesar de todos os meus protestos, minhas resistencias, o afan do trabalho, o desejo de ficar millionario... sim, porque estou nesse caminho e seguro... Precisava vel-a... ouvir-lhe a voz... (*com emoção*) eis-me em Pariz e... a ti encontro cada vez mais bella... cada vez mais encantadora... mais irresistivel!

Mme. DESPÈRES (*contendo-se*)

Pura illusão do primeiro momento, meu amigo! os annos tambem passaram para mim; estou velha, cheia de cabellos brancos. E sei bem isto porque em mim não mais sinto os impetos da menor faceirice... Abdi-quei qualquer pretensão á mocidade.

DES QUESNELLES (*interrompendo-a*)

E eu então? Só uma coisa se conservou a mesma, meu coração todo devotado a ti, Luiza.

Mme. DESPÈRES (*quasi risonha*)

Bem lisongeiro por certo, mas... hoje só aspiro a um bem: a calma, a tranquillidade. Fomos tão infelizes em cinco annos (*volta-se com receio*) de sobresaltos...

DES QUESNELLES (*ironico*)

Sobresaltos só? a phrase é cruel!

Mme. DESPÈRES (*com alguma energia*)

Não discutamos palavras. Fomos tão infelizes em cinco annos...

DES QUESNELLES (*com gesto supplice de quem busca fechar a boca a outrem*)

Oh! por Deus, fique nisso, que eu ouça a sua primeira palavra de alguma meiguice... Causa-me pasmo o seu acolhimento... após tanto tempo de absoluta obediencia ás suas ordens... Se lhe escrevi algumas vezes... foi com tanta reserva e no tom de mera amizade, quando, comtudo, a paixão me borbilhava no intimo... Aliás, jámais mereci, a menor resposta; o nosso hom Armando (*Mme. Despères faz um gesto e empallidece*) é que foi sempre incansavel. Era até quem atirava lenha á fogueira, quem destruia todos os meus planos de retrahimento definitivo, absoluto! Passasse dois, tres mezes sem carta minha e vinham mil exprobrações e queixumes... chamava-me ingrato, incapaz de grandes sentimentos... Pensei algumas vezes, que atraz dessas accusações ficava a minha Luiza de outr'ora.

Mme. DESPÈRES (*com um gesto quasi violento de denegação*)

Eu? oh, não... não!

DES QUESNELLES (*com expressão desvairada*)

Ah! vejo bem agora quanto me enganava... (*com alguma seccura*) Ia porém a senhora dizendo que...

Mme. DESPÈRES (*agitada voltando-se a ver se alguém entra*)

Fôra provocar positivamente as iras do destino, incorrer nas imprudencias de outr'ora... Em plena madureza do bom senso, pela idade, sem as desculpas do arrastamento, tudo aquillo me parece uma loucura, a tal ponto que não sei como o Sr. me fala nesse passado. Esperava mais, deixe-me ser franca... do seu cavalheirismo.

DES QUESNELLES (*com impeto, levantando-se*)

Luiza, tenha compaixão de mim e meça as suas palavras, não derrube e pise aos pés planos que me pareciam tão faceis, tão risonhos!

Mme. DESPÈRES (*assustada*)

Planos? que palavras! Quaes podem ser? Exponha-os logo...

DES QUESNELLES (*passando agitado*)

Não posso assim de chegada... e recebido tão hostilmente (*estacando de repente deante de Mme. Despères*). Quem sabe... se você não ama hoje, e seriamente, o seu marido...

Mme. DESPÈRES (*um tanto impacientada*)

O Sr. fala como a vinte annos atraz. Aliás muito me fez soffrer com as suas suspeitas romanescas.

DES QUESNELLES (*ironico*)

Bem me lembro... dei-lhe uma *Fanny* de Ernesto Feydeau annotada...

Mme. DESPÈRES

Não é que ame o meu marido apaixonadamente mas estimo-o e muito; admiro-lhe a honradez e lealdade de que tanto abusei. Chegou a idade; a religião veio socorrer-me e no momento actual sinto-me mais ou menos digna de viver ao seu lado.

DES QUESNELLES (*ironico, levantando a voz*)

O quadro está perfeito, é um idylio em que represento o papel pouco agradavel de importuno, de simples constrangedor não é assim? Está bem! então é este o capricho que para todo sempre nos separa? (*Mme. Despères faz-lhe um gesto supplice*).

Por muito tempo resisti mas afinal acreditava estreitar os laços que nos unem para sempre, quando... pelo contrario... o menino...

Mme. DESPÈRES (*levantando-se impetuosamente e alterada*)

Por favor, por favor, Raul; nem uma palavra mais, peço-lhe. Veja como tremo. Fique certo, de que tornaremos a falar de tudo isto e longamente, amanhã, dentro de algumas horas, se quizer... mas a nossa conversa deve ser em outras circunstancias... (*ouve-se uma voz de fora gritar Raul! Raul!*) Ah! vem meu marido... por favor...

SCENA V

(Des Quesnelles, Mme. Despères e Despères; abre-se a porta com força e apparece Despères que abraça Des Quesnelles effusivamente).

DES QUESNELLES (*alegre*)

Emfim! eis alguém que me recebe bem!

DESPÈRES

Aperta mais o abraço... Tanto tempo... malvado! (*tomando-lhe as mãos e contemplando-o com ternura*). Quantos annos, hein? Dezenove, vinte, ou mais ainda!

DES QUESNELLES

Que palavras tão gratas!

DESPÈRES

E não está lá mudado como eu contava... Meio grisalho mas ainda, e sempre, bonito rapaz. Não achas, Luiza?

DES QUESNELLES

Nem todos os olhos me enxergam assim... os annos aliás pesaram bastante sobre mim...

DESPÈRES

Conta-me porém o que fizeste. — Oh! você tem tanto que contar. Naturalmente conversavam nisso; minha mulher teve as primicias...

Mme. DESPÈRES

Com effeito falámos das viagens do Sr. des Quesnelles... bem curiosas.

DESPÈRES

Mas isto não vai assim. Nada de egoismo. E' preciso que descanses antes do almoço. Aliás o teu quarto já está feito.

DES QUESNELLES

Tomei commodos no *Grand Hotel*, esplendido com effeito. Pariz, cada vez mais maravilhoso pelo pouco que pude ver.

DESPÈRES (*com espanto*)

Tu em hotel, quando estamos no campo? Mas, fôra indigno da minha parte consentir em tal! Não te recordas da temporada deliciosa que fizemos, nós tres, naquella aldeia de Bretanha...

Mme. DESPÈRES (*a parte*)

Quanto soffro, Deus de misericordia!

DESPÈRES (*continuando*)

Pois meu velho e leal amigo, nada se alterou... estamos ainda na Bretanha... A differença é que temos cabellos menos pretos e olhos menos brilhantes...

os annos meu caro (*voltando-se gracioso para a mulher*) só respeitaram Mme. Despères, não achas?

DES QUESNELLES (*com subito enthusiasmo*)

Oh sim! mil vezes sim!

DESPÈRES

Estamos, pois, entendidos. Tu te installas aqui onde ficarás quanto tempo quizeres. Infelizmente tenho sempre tanto que fazer em Pariz, pois não sou o *billionario* do Brasil...

DES QUESNELLES

Oh! *billionario*! A tal respeito, contar-vos-ei coisas curiosas pois tu e teus filhos — não são dois?

DESPÈRES

Dois sim, Vicente o mais velho, Oscar mais novo de seis annos.

DES QUESNELLES (*continuando*)

Tendes, pelo menos moralmente,... parte na fortuna que ajuntei no Brasil e dia a dia augmenta...

DESPÈRES

Deve ser bem curioso. Não sei como... Emfim falaremos mais tarde. Dos meus filhos, o Vicente, deixa-me já avisar-te, sahiu bastante estroina, não quiz estudar... Só trata de vestir-se bem e de sports, bom rapaz mas descuidado ao ultimo ponto. Aliás, bastante engraçado e até espirituoso... verdadeiro *typo de boulevardier* que deveria ter como pai algum negociante forte, enriquecido com o chocolate ou mais ou menos trepado nos assucares. O outro, sim, o meu Oscar, é a perola dos filhos. Nelle como revejo a minha gente da Bretanha; empolgado pelo sentimento

do dever, trabalhador como o diabo, não deixando nunca, que algum outro o offusque!

Mme. DESPÈRES (*supplice*)

Armando... tu te exaltas...

DESPÈRES (*commovido*)

E' bem verdade... mas esta criança, tenho-a tanto no coração! E' o primeiro da aula... entre mais de duzentos collegas! Isto não é brinquedo... E que character? tão recto! que modo de falar, cheio de franqueza! Verás Des Quesnelles... Porque não servem o almoço? (*chama*) Josephina, Josephina! Bem sabes, a nossa criada de todos os tempos...

JOSEPHINA (*entrando*)

O almoço está na mesa.

DESPÈRES (*a Josephina*)

E as crianças? As crianças! parecem-me sempre pequenos.

JOSEPHINA

Acabam de chegar.

DESPÈRES

Entra um instante no teu quarto, meu amigo. Precisas lavar-te um pouco.

SCENA VI

(Mme. Despères, só).

Mme. DESPÈRES

Quaes poderão ser os projectos deste homem? Tremo... Estou prestes a odial-o, eu que tanto o ameii

(*Cahe o panno*)

dizer que adoro os charutos; é mais um elemento de gozo neste mundo.

DESPÈRES (*interrompendo-o*)

Cala-te, vicioso!

VICENTE (*engraçadamente*)

Pois arrolha-me a boca com um dos teus excellentes havanas. Tratarei de fumar-o com a maxima discreção e sobretudo com toda a convicção possível.

DESPÈRES (*passando-lhe um charuto como que ás escondidas*)

Começas bem... (*voltando-se para Des Quesnelles*)
Contava-nos pois, que tua empreza de Ita... ita... como é mesmo?

DES QUESNELLES

Itaibá... o nome é muito facil.

DESPÈRES

E' isso... Itaibá... vae admiravelmente?

DES QUESNELLES

E' exactamente isso: ás mil maravilhas. O veio aurifero até agora, foi, quando muito, atacado de leve e todos os mezes já me dá cerca de vinte mil francos liquidos.

VICENTE

Irra! eis uma mina que me faria bom arranjo se estivesse na esquina da rua Drouot com o Boulevard dos Italianos... apenas atacado de leve... que amavel filão! Quanto não dará quando lhe attingirem o coração... ó veio valente e leal!

ACTO II

(O mesmo scenario)

SCENA I

(Mme. Despères, Des Quesnelles, Oscar, folheando distrahidamente um album, todos os tres sentados, Despères, Vicente, de pé).

DESPÈRES (*a Des Quesnelles*)

Então não queres mesmo um charuto?

DES QUESNELLES

Não, obrigado, não fumo mais como outr'ora; o almoço estava excellente e o café delicioso... como só se bebe no Brasil.

DESPÈRES

Como é que te arranjavas no meio de todas as tuas viagens? Distrahe tanto fumar...

DES QUESNELLES

Privei-me sem sentir falta.

VICENTE (*sorrindo*)

Oscar assim pensa; eu não: sou como Papai; tomo em relação a Mamã, a grande liberdade de lhe

DES QUESNELLES

E que lugar encantador! Não podem fazer idéa! Mandei construir uma bella casa em estilo da Renascença que domina do alto de uma colina, um grande valle... Da minha varanda, talvez um tanto exotica, sob o ponto de vista architectonico, tão comoda e tão fresca porém, acompanho com os olhos correntoso ribeirão que é quasi um rio, em todas as suas curvas e sinuosidades... no meio de grandes touceiras de elegantes bambús... E' delicioso... o céu dos tropicos, o brilho do sol e das sombras como aqui na Europa não se conhece.

DESPÈRES

Ora muito bem... E como se vive lá? Da existencia americana só tenho informações pelos livros de Cooper, lidos na adolescencia.

DES QUESNELLES

Ouçá bem meu caro! Saiba que tenho, a tres kilometros de casa, uma estação de estrada de ferro; recebo do Rio de Janeiro, e diariamente, jornaes com os telegrammas do mundo inteiro... Ali possuo todas as commodidades da vida ultra-civilisada... as novidades de Pariz... chega á minha bibliotheca, todas as semanas, tudo o que se imprime de mais importante. Ah! quantas vezes penso: se me fosse possível ter perto de mim toda a gente que eu estimo... como me sentiria feliz! Estou certo de que todos os que aqui se acham ali gostariam de ficar para sempre.

VICENTE

Ah não! isso lá não, é muito differente, Sr. Des Quesnelles!

Afianço-lhe com toda a convicção que, em materia de paizagem, não aprecio senão a dos boule-

vards. E ainda assim entendo que della devem remover as arvores, o aspecto é por demais florestal... Detesto a natureza entregue a si... é boa para o Sr. Oscar.

OSCAR

Com effeito, pelo que nos conta o Sr. Des Quesnelles creio que me sentiria muito a gosto em Itaibá (*A Sra. Despères faz um movimento*).

DESPÈRES

E tu Luiza? pareces-me preocupada... Que tens?

MME. DESPÈRES (*vivamente*)

Um pouco de dôr de cabeça... não é nada!

DES QUESNELLES (*a Despères*)

Aliás bem desejaria ver algum de vós commigo, lá onde estou, pois, como já tive occasião de te dizer... pertence-vos uma parte da minha boa sorte. (*Entra Josephina*).

DESPÈRES

Nada disso percebo e nem sei como possamos estar embarcados nessa galera doirada...

DES QUESNELLES

Com certeza te lembras do velho Virebord, o amigo do teu pai, que morreu em tua casa (*Josephina que ia sair, estaca e finge arrumar os bibelots que se acham sobre a lareira no fundo da sala*).

DESPÈRES

Que duvida! o pobre Virebord... era mais que pancada... Lembras-te Luiza?

Mme. DESPÈRES

Como hei de esquecel-o? um homem tão viajado... e que sabia tanta coisa! Algum tanto esquisito... com effeito... Sempre com projectos e emprezas que iam fazel-o millionario. Creio tambem que conhecia o Brasil.

DES QUESNELLES

Justamente; apenas deixou papeis... bons para o fogo; dizem que sobre o moto continuo e todas as demais maluquices dessa pobre gente descobridora de utopias.

DESPÈRES

Tudo escripto em horriveis garatujas!

DES QUESNELLES

Tal qual! Pois bem levei-as commigo e occupei-me em decifral-as. Devo dizer em consciencia: foi Virebord quem me mostrou o caminho de Itaibá onde fiz fortuna. Como taes papeis de direito te pertencem, Armando, percebes bem a parte que te cabe na realisação das descobertas daquelle homem tão pouco conhecido.

DESPÈRES

Está bom! Eis ahi uma coisa que nada significa. Só a ti cabe o direito de tirar proveito de taes esforços e pesquisas. Se as poucas paginas que puzeste no bolso te foram uteis tanto melhor. Dos garranchos do pobre Virebord ficaram-me montanhas com as quaes fiz o mais bello auto de fé do mundo. O movimento perpetuo, a dirigibilidade dos balões, a quadratura do circulo, assim como todas as minas de ouro e de diamante do mundo inteiro, tudo isso virou fumaça. Falava-me elle de certo rio do Brasil

cujo leito era de pedras preciosas e cortado de travessões de ouro massiço. Sonhos sem conta...

(Sahe Josephina)

DES QUESNELLES

Seja como fôr entendo que sou teu devedor e que entre nós ha um negocio a decidir. A mina tão cedo não se esgotará.

VICENTE

Que sorte! Os escrupulos do Sr. Des Quesnelles fizeram-nos cahir sobre um bom veio... não ha duvida.

DESPÈRES *(sorrindo)*

Cala-te, malandro, serias capaz de esgotar Itaibá em algumas semanas *(puxando o relógio)* Temos pouco tempo para ver o jardim, antes de tomar o trem.

Vamos Luiza! *(Mme. Despères levanta-se)* Dá o braço a Des Quesnelles. *(Josephina apparece)* — Vicente anda! Oscar!

OSCAR

Perdão, Papai! preciso ficar.

(Saem os demais pela porta do fundo)

SCENA II

(Oscar, Josephina).

JOSEPHINA

Este tal Sr. Des Quesnelles lhe é sympathico?

OSCAR *(surprezo)*

Como? porque não? Parece-me tão bom amigo da casa, de todos nós...

JOSEPHINA (*ironica*)

Ah?!

OSCAR (*indeciso*)

Com effeito! depois que cheguei... Mamãe parece-me tão diferente... tão preocupada! Que é que ha?

JOSEPHINA (*vivamente*)

E' que minh'ama bem o conhece, assim como eu...

OSCAR

Que está você a dizer Josephina? Como é que ambas o conhecem sob um aspecto diverso daquelle com que meu Pai o encara?

JOSEPHINA

Meu amo é tão bom... e tão leal! Não consegue perceber o mal, mesmo quando lhe está sob os olhos... Aliás nada soube jamais, pois que tivemos o cuidado de tudo esconder-lhe.

OSCAR (*levemente sobressaltado*)

Vamos, minha boa Josephina. Dize-me tudo. Preciso estar ao par... Sabes quanto Vicente é leviano e futil...

JOSEPHINA

Isto é a pura verdade. Tambem nem me lembro de lhe contar, que quer que seja (*chegando-se a Oscar*) Aliás... o tal figurão já começa a falar no assumpto...

OSCAR

Como é isso? Que é que você quer dizer?...

JOSEPHINA (*mysteriosamente*)

Os papeis do velho Virebord... quando os poz nos bolsos... bem sabia o que valiam: o pobre do velho

azoinava-me os ouvidos e os de minha ama... de modo que percebemos bem quanto o pretenso amigo era desleal para com meu amo. Uma vibora, Oscar, uma vibora que o patrão aqueceu ao peito.

OSCAR (*indignado*)

Que me dizes, Josephina!

JOSEPHINA (*exaltando-se*)

Um trahidor... cuidado com elle... Só digo isto... Falta a todos os deveres de amigo. Meu amo que tanto delle gosta, hoje como ha vinte annos passados!

OSCAR

Então porque não previne você a meu Pai? (*acalmando-se*). Aliás não foi Des Quesnelles o primeiro a lhe falar dos direitos que lhe cabem na tal mineiração?

JOSEPHINA

Sim... agora... remorsos com certeza... Sabe Deus o que ella já lhe rendeu! Psiu! estão todos de volta. (*Entram pela porta do fundo Despères, Mme. Despères, Des Quesnelles e Vicente*).

SCENA III

(Despères, Mme. Despères, Des Quesnelles, Vicente, Oscar, Josephina).

DESPÈRES (*a Des Quesnelles*)

Meu amigo, se queres ir conosco a Pariz precisas andar depressa.

Só te pude mostrar um pequeno trecho do jardim... (*rindo-se*) muito embora seja menor do que a tua Itaibá.

DES QUESNELLES

Estou prompto. Preciso ir buscar as minhas bagagens no Grande Hotel, já que me intimaste a que me mudasse...

DESPÈRES

Por certo... Anda, vem pois... *(a Vicente, sorrindo)* com certeza tu te deixas ficar aqui pelo campo.

VICENTE

E' o que faltava! E a minha volta hygienica pelo Boulevard des Capucines? Isto me faria mal á saúde.

DESPÈRES

E tu, Oscar?

OSCAR *(vivamente)*

Eu? fico... ainda...
(Sahem Despères, Des Quesnelles, Vicente e Josephina)

SCENA IV

(Mme. Despères, Oscar).

OSCAR *(approximando-se da mãe, que se deixou cahir sobre uma cadeira poltrona, com um ar acabrunhado e meigamente)*

Que tens mamã? pareces tão abatida...

MME. DESPÈRES *(distrahidamente)*

E' verdade... não estou nada bem... mal estar geral... mas não te preoccupes... como sempre fazes, por causa de verdadeiras ninharias...

OSCAR *(calorosamente)*

Com effeito, a mais insignificante das causas que te possam afligir tanto me incommoda! Quero ver-te sempre alegre e sorridente... Já desde muito não tens mais os antigos accessos de melancolia... os teus *blue devils* de outr'ora. Será possivel que tudo agora recomece?

MME. DESPÈRES

Realmente... mas... nada será.

OSCAR

Bem percebo...

MME. DESPÈRES *(sobresaltada)*

Que é que dizes?

OSCAR

Vejo-te inteiramente perturbada... desde a chegada daquelle homem.

MME. DESPÈRES *(contendo-se, mas muito agitada)*

Que idéa! Des Quesnelles!... um velho amigo nosso...

OSCAR

Então conheces bem esse tal Des Quesnelles?

MME. DESPÈRES

Eu, filho? Oh! ha vinte annos talvez, ou mais do que isso...

OSCAR *(resolutamente)*

Pois bem, eis ahi um sujeito que me desagrada soberanamente. Que diabo tinha elle para encarar-me

friamente durante todo o almoço, como fez? Que é que me via no rosto?

MME. DESPÈRES (*agitada*)

Ora, filho... todos nós devemos resistir a idéas preconcebidas, sem base alguma... A sympathia e a antipathia subitas são, frequentemente, más conselheiras...

OSCAR (*um tanto surpreso*)

Ah? então pensas... tu que tanto o conheces?

MME. DESPÈRES (*muito perturbada*)

Como hei de conhecê-lo senão na qualidade de amigo nosso... de companheiro de infancia de teu pai... de amigo de todos os tempos...

OSCAR

Sim! mas amigo bem pouco leal...

MME. DESPÈRES (*espavorida*)

Oscar? Que estás a dizer?

OSCAR (*falando baixo*)

Tudo sei Mamã! (*Mme. Despères levanta-se, dá um grito e recae sobre o sofá semi desmaiada. Oscar ajoelha-se-lhe aos pés.*)

OSCAR (*afflictissimo*)

Mamã, Mamã! que tens?

MME. DESPÈRES (*fazendo um esforço*)

Nada, nada, dá-me um pouco d'agua.
(*Levanta-se Oscar e traz a correr um copo cheio*)

MME. DESPÈRES (*a tremer*)

Mas o que é que sabes, meu Oscar?

OSCAR

Josephina contou-me tudo...

MME. DESPÈRES (*offegante*)

Jo... Josephina?! Que te disse ella?

OSCAR

Os papeis de Virebord...

MME. DESPÈRES (*acalmado-se pouco a pouco*)

Ah sim... sim... os papeis... os papeis... que papeis? (*semi allucinada*) Ah! como era estrambotico aquelle Virebord... não podes imaginar. (*Desata em estrondosa gargalhada*) Pobre diabo! como era exquisto. Louco... louco varrido...

OSCAR (*muito surpreso*)

Não te comprehendo, Mamã! Parece que realmente tinha uma aduela de menos... em todo caso os papeis prestaram serviços a Des Quesnelles.

MME. DESPÈRES (*sem saber o que dizer e contendo-se*)

Quem sabe? E' bem possivel.

OSCAR

Josephina garantiu-me que a tal mina de Itaibá havia sido descoberta por elle e que o plano se achava em seus papeis... E Des Quesnelles delles se apoderou... subtrahiu-os (*abaixando a voz*) furtou-os. Será isto digno de um amigo leal?

MME. DESPÈRES (*extremamente perturbada*)

Não ha duvida...

OSCAR (*exaltando-se*)

Ahi está um sujeito que se installa em casa de meu pai, janta a sua mesa... abriga-se sob o seu tecto... aperta-lhe a mão como amigo e afinal lhe rouba uns tantos direitos que lhe deveriam ser sagrados.

MME. DESPÈRES (*balbuciando*)

E'... é bem grave.

OSCAR

Como assim! grave!? E' indigno... infame! E meu pai... tanta boa fé! tão grande confiança... Mas... é preciso avisal-o... abrir-lhe os olhos... fazer com que conheça o... perfido. Não é? Não pensas assim?

MME. DESPÈRES (*hesitante*)

E' preciso reflectir muito...

OSCAR

Que é que esse homem veio fazer aqui? que desejava de nós?

MME. DESPÈRES (*acabrunhada*)

Ignoro.

OSCAR

Seja como fôr... liguemo-nos os tres, tu, Mamã, Josephina e eu contra elle... Preparemo-nos para o desmascarar... Não é o dinheiro, uma simples questão de interesse que me indigna tanto, affirmo-te, e juro-o... é a traição para com o seu melhor... o unico amigo... Ah! como abomino a deslealdade!

MME. DESPÈRES

Mas... sinto-me bem indisposta. Chama Josephina... (*Oscar sahe*).

SCENA V

MME. DESPÈRES

Que scena, que scena, meu Deus! não sei como lhe não cahi aos joelhos... que soffrimentos atrozes após tão longa expiação... após tantos annos de arrependimento tão completo e tão cruel! Que veio este homem fazer aqui? E estas idéas de Josephina? Seria um auxilio do Céu... (*desvairadamente*) compadecei-vos, meu Deus, da minha miseria! Não me esmagueis sob a vossa mão poderosa! Piedade! Compadecei-vos de meu marido e de meu filho!

(*Cahe o panno*)

ACTO III

(*Scenario do acto precedente*).

SCENA I

Mme. Despères, muito abatida, sentada sobre um sofá, Josephina).

Mme. DESPÈRES

Não posso mais, minha boa Josephina; não tenho mais coragem. Oh! como soffro! Creio que nunca tanto soffri... e no entanto... Sabe Deus o que supportei...

JOSEPHINA (*enternecida*)

Tenha mais força de vontade, minha ama. Precisamos ganhar a partida... obrigar este homem a desaparecer d'aqui. Mas afinal que é que elle quer conosco?

Mme. DESPÈRES

Prometti ouvi-o daqui a pouco e isto me faz tremer. Tome bem cuidado para que ninguem venha...

JOSEPHINA

Por favor... tenha mais energia. A senhora está tão acabrunhada... que todos logo hão de perceber.

Só os distrahidos como Vicente e meu amo é que não hão de notar. Oscar já se mostra mais do que inquieto... muito preocupado... e tanto que tomou verdadeira ogerisa ao tal homem...

Mme. DESPÈRES

Que historia lhe contou você? Meu Deus! que medo me metteu!

JOSEPHINA

Apanhei no ar algumas frases deste intruso. Era preciso... absolutamente... dar um pretexto á desconfiança do menino... Elle é tão intelligente e perspicaz!

Mme. DESPÈRES

Tambem que papel attribuiu você ao outro!

JOSEPHINA (*emburrada*)

A senhora pretende defendel-o agora? Elle fez muitas coisas mil vezes mais graves... E a sua tranquillidade? E a honra desta casa?

Mme. DESPÈRES

Por favor... Josephina! Você tem razão... você tem razão!

JOSEPHINA

Socegue a senhora... aqui estou prompta para auxiliá-la. Eil-o... Procuremos saber, ao menos o que pretende o inimigo. (*Des Quesnelles entra; Josephina retira-se*).

SCENA II

(Mme. Despères, Des Quesnelles).

DES QUESNELLES (*após longa pausa*)

Adiantei-me para podermos conversar um momento. Teremos tempo? (*Mme. Despères faz um signal affirmativo*). O que preciso dizer-lhe... Luiza... não é muito facil devido ao acolhimento que me fez. Esperava coisa muito diversa... e merecia-o... após tantos annos de soffrimentos supportados com uma coragem superior ás forças humanas... Minha existencia cortou-se para sempre... chego á velhice sem familia, sem um apoio sequer, sem ter ao meu lado uma unica pessoa que me queira e auxilie a levar a pesada cruz ao Calvario. Só o passado é que me consola... verdade é que este passado não me deixa um momento sequer de descanso. Já lhe disse tudo isto. Pois bem, numa destas horas de exaltação imaginei um novo plano de existencia. Parecia-me, outr'ora, e durante longos annos a coisa mais natural do mundo a idéa de que, em dado momento, eu não conseguiria resistir ao empuxo que me impellia para a França e ao seu encontro... Luiza! Agora já assim não penso... Preciso dizer-lhe tudo... Aqui chegava... tomava-te... e ao nosso filho... para vivermos...

Mme. DESPÈRES (*espavorida*)

Que insania! Que insania!

DES QUESNELLES (*ironico*)

E' verdade... estava doido varrido. (*amargamente*) Contava com um coração que devia não ter mudado como o meu... Realmente o projecto era por demais

romanesco... Tambem se desvaneceu em segundos, desde que a vi tão aniquilada com a minha presença. Imaginei outro, porém, que pôde servir... se merecer um pouco a sua aquiescencia. Transporto todos os seus para o Brasil.

Mme. DESPÈRES

Que vergonha! Como imaginar maior ignominia! Meu marido, um ente tão digno, tão honesto... meus filhos...

DES QUESNELLES

Eu saberia respeitá-la... os seus seriam para mim hospedes sagrados; apenas desejo ter em torno de mim affeições e sympathias.

Mme. DESPÈRES

A sua idéa, Des Quesnelles, é abominavel, atroz.

DES QUESNELLES

E o meu filho? Este menino que nos separou! Durante annos passei a pensar sobre este caso. Tua insistencia... a minha recusa... E quando me venceste... então ahí... as preocupações do nome e do futuro... mil e mil pretextos... totalmente convencionaes...

Mme. DESPÈRES

Eu enlouquecera... perdera o senso moral... foi justamente aquelle entesinho que, de repente, me fez avistar o fundo do abysmo.

DES QUESNELLES (*continuando como se a não ouvisse*)

Afastaram-te de mim... eu estava condemnado...

Mme. DESPÈRES

Para que renovar todo este passado... quando já

o tinha como absolutamente acabado (*com certa energia*). Aliás... pôde bem ser que me tenha enganado... a discussão é por demais dolorosa. Hoje porém estou disposta a arrostal-a... Meu marido tem todos os direitos sobre este filho a quem adora e é o seu maior consolo neste mundo.

DES QUESNELLES (*quasi brutalmente*)

Não! estás faltando á verdade!

Mme. DESPÈRES (*exaltada*)

Nunca! pensei muito no caso... Houve engano em tudo isto... Minhas reminiscencias são perfeitamente nitidas...

DES QUESNELLES (*sarcástico*)

Tua carta é muito mais precisa. (*Tira da carteira um papel amarellecido pelo tempo*) Queres que a leia?

Mme. DESPÈRES (*desesperada*)

Não! não! Tenha pena de mim...

DES QUESNELLES

Algumas palavras apenas... (*Lê*) «Qualquer duvida é impossível... o fructo do nosso eterno amor (*frisa muito as palavras*) nascerá nas proximidades de Setembro... Não imaginas como estou triumphante». E na vespera do dia marcado...

Mme. DESPÈRES (*esmagada*)

Não ha duvida! O Snr. tem toda a razão. Estou perdida para sempre...

DES QUESNELLES

De que modo isto me é dito! Chego como ami-

go... como amante... e de repente eis-me convertido em feroz inimigo...

Mme. DESPÈRES

Sim! (*com certa energia*) é isto mesmo... o senhor é um inimigo meu... inimigo de todos os meus... de meu Oscar...

DES QUESNELLES (*supplice*)

Luiza, por favor, acalme-se um pouco... As minhas intenções são outras... totalmente diversas... Já a este respeito falei ao seu marido. A principio ficou um pouco surprezo... mas como os negocios não lhe vão bem... e a minha idéa acerca daquelle Virebord foi bastante feliz.

Mme. DESPÈRES

Saiba-o uma vez por todas! Se meu marido annuir a este plano lanço-me aos seus pés e desvendolhe tudo... o que entre nós houve... Será a derrocada geral... tudo prefiro porem, á existencia que o Snr. pretende dar-nos.

DES QUESNELLES

Por favor Luiza... falo como amigo e estou prompto a sacrificar-me novamente. Não me attribua intenções que não visem a sua felicidade, pois ella é o alvo dos meus desejos e... convença-se, a minha unica ambição neste mundo. Consinta apenas, ao menos, que Oscar commigo parta... e lá passe alguns mezes só...

Mme. DESPÈRES (*exaltadissima*)

Não! Não! seria uma infamia! Este menino é a alegria do pai... de Armando; sempre trabalhei para que se apegassem muito um ao outro; querem-se

muito e devem querer-se. Instinctivamente elle encara o Snr. com desconfiança.

DES QUESNELLES (*dolorosamente*)

Luiza... Luiza!

Mme. DESPÈRES

Que quer que faça? Acaso posso destruir a obra de toda a minha vida? (*atira-se aos pés de Des Quesnelles*). Tenha pena de mim, Raul (*exaltada*) parta! parta, parta sempre! Deixe-me meu filho! De-me aquella horrivel carta, meu eterno tormento...

DES QUESNELLES (*levantando-se commovido*)

Sem duvida, sem duvida... Não me attribua um papel de algoz...

SCENA III

(Mme. Despères, Des Quesnelles).

JOSEPHINA (*entrando precipitadamente*)

O patrão vem vindo! na volta da estrada com Vicente e Oscar... Quizeram dar um pequeno passeio a pé... (*a Mme. Despères*) Quiz avisar a minha ama, que tem o tempo certo para mudar de roupa para o jantar.

Mme. DESPÈRES

E' verdade? Dá-me licença? (*Sahe meio tropega*)

SCENA IV

(Josephina, Des Quesnelles).

DES QUESNELLES

Então... aqui ninguem me quer... minha velha confidente?

JOSEPHINA (*levantando os hombros*)

Não sei bem porque... mas com effeito... o Sr. não causou boa impressão... longe disto... Quer um conselho bem sincero? Vá para o Brasil... e não volte mais... E' o que ha de melhor a fazer...

(*Cahe o panno*)

ACTO IV

(Sempre o mesmo scenario).

SCENA I

(Despères, Des Quesnelles).

DESPÈRES (*agitado*)

Que absurdo! Isto não tem cabimento! Pois então, apenas chegas, já te vaes?

DES QUESNELLES

Que quer amigo? As noticias são tão graves... de alcance tal! Estou desesperado... e a cair das nuvens.

DESPÈRES

Raciocinemos um pouco... Onde está esse telegramma desastrado? Quem poderia esperar por tal coisa?

DES QUESNELLES

Tive tão forte movimento de contrariedade que o piquei em pedaços.

DESPÈRES

Vinha mesmo de Itaibá?

DES QUESNELLES

Exactamente e datado de hontem de manhã. Tiveram o tempo estricto para m'o transmittir.

DESPÈRES

Maldito seja o telegrapho a esta distancia! Que necessidade tinha elle de nos perturbar deste modo? Eu que estava tão satisfeito de te vêr perto de mim, durante alguns mezes... Iamos renovar um periodo' delicioso de nossa existencia commum... a estada naquelle villarinho da Bretanha!! nesta occasião só tinha Vicente, o meu filho estabanado... Minha gloria... o meu Oscar... veio depois. Como estes tempos já vão longe! Mas afinal que é que conta o horrivel telegramma?

DES QUESNELLES

Como já te disse... é um verdadeiro brado de angustia por sobre o Oceano. Temerosa parede de mineiros... uma conspiração verdadeira... desde muito tramada e que afinal explodiu... O meu gerente assassinado em circumstancias horriveis, as minhas propriedades saqueadas... todo o aparelhamento das minas destruido... o pessoal que me é dedicado cercado no escriptorio central... Felizmente conheço as autoridades da cidade vizinha... telegraphpei-lhes immediatamente, pedindo-lhes soccorros... Creio que não me deixarão em apuros...

DESPÈRES

Pois então? Provavelmente já todas as medidas estão tomadas, é preciso esperar que produzam effeito. Para que te affligires tanto? como foi que o telegramma te chegou ás mãos? quasi não te larguei um só minuto...

DES QUESNELLES

No Grande Hotel, endereço que deixara em Itaibá; tinha ido buscar as malas mas reflecti sobre o caso e lá ficaram... agora qualquer demora me é impossivel...

DESPÈRES

Tambem que idéa, Raul... te encafuares num lugar tão selvagem... Isto tudo deveria succeder mais dias menos dias.

DES QUESNELLES

Não acuses Itaibá; é o lugar mais tranquilo do globo... mas que queres? com o caminho de ferro, o telegrapho e todos os nossos meios de civilisação as más idéas que florescem na Europa, em nome da igualdade e da fraternidade alli penetraram e germinaram. Quem sabe? Talvez tenham razão? E' um ponto a discutir... Seja como fôr, preciso partir já e já. A menor demora póde fazer-me perder o vapor inglez de Cherbourg que me adianta uma semana. Do Rio de Janeiro lá, são duas passadas...

Que supplicio continuo vai ser a minha viagem transatlantica!

DESPÈRES

Realmente!... tantas semanas perdidas quando a impaciencia devora... Em summa, vou fazer apressar a hora do jantar.

DES QUESNELLES

Não, meu amigo, não poderei sequer jantar comvosco.

DESPÈRES

Isto é inacreditavel e até me parece um pesadello...

Estarei bem acordado?

DES QUESNELLES (*sorrindo*)

Perfeitamente... sou eu que me movo num sonho...

Peço-te mil perdões de vos haver perturbado deste modo...

Appareço como um meteoro e assim desappareço...

A má sorte me acompanha... quando fizera tantos planos e castellos acerca desta viagem! Emfim decidi o destino de outro modo... Quando o dever está em jogo... é preciso cumpril-o... não achas?

DESPÈRES (*commovido*)

Sem duvida... és sempre o mesmo.

DES QUESNELLES

Chama Mme. Despères e a teus filhos. Quero dizer-lhes adeus... até a Josephina, a boa Josephina...

DESPÈRES

Confrange-me o coração tanta pertinacia... que hei de fazer, porém? Conheço-te bem... (*Dirige-se á porta do fundo e chama em voz alta. Acodem Mme. Despères, Vicente, Oscar e Josephina.*)

SCENA II

(Os precedentes e os que acabam de chegar).

DESPÈRES

Ninguem calcula o que acaba de acontecer. Raul vê-se obrigado a voltar immediatamente ao Brasil... Nem sequer tem tempo para jantar comnosco (*im-*

pressão geral, movimentos diversos; Mme. Despères empallidece e lança um olhar de gratidão a Des Quesnelles). Não pôde perder o vapor inglês de Cherbargo.

VICENTE

E esta! E' uma verdadeira surpresa, como succede nas magicas.

DES QUESNELLES

Assim é... um telegramma de Itaibá... coisa que nunca imaginei pudesse succeder... uma insurreição terrivel... o meu gerente assassinado... as propriedades devastadas... o futuro perdido.

VICENTE

Quantas noticias más... Estou certo de que o unico que não se insurgiu foi o amavel veio de ouro.

DESPÈRES (*severamente*)

Cala-te toleirão! Querer fazer espirito num momento destes?

MME. DESPÈRES

Muito sinto o que lhe succede, Snr. Des Quesnelles.

JOSEPHINA

E eu tambem. Desculpe-me a impertinencia mas creio firmemente que quando o Snr. chegar ao seu negocio no Brasil verá que exageraram. As coisas numa distancia destas vêm sempre muito augmentadas.

VICENTE

Não é que a nossa Josephina falou como Aristoteles?

DESPÈRES (*á mulher*)

Justamente acabava o nosso amigo Raul de me propor levar Oscar comsigo... em viagem de recreio... e quem sabe com vistas a vantajosa collocação.

OSCAR (*orgulhosamente*)

Isto não! de todo não, Papae! Tambem tenho minha Itaibá, que não me deixará em má postura... o meu trabalho, a minha coragem!

DESPÈRES (*commovido*)

Eis ahi, o meu filho! Bellas e nobres palavras! (*Abraça-o ternamente*).

DES QUESNELLES (*voltando-se para Oscar*)

Certamente... com idéas dessas... e uma noção tão digna e exacta do dever nunca estará você mal parado... Aperto-lhe a mão, como amigo. (*Oscar estende-lhe a mão com certa hesitação*) Logo que lá chegar hei de escrever-te, Despères, acerca dos direitos que te cabem na exploração da mina...

DESPÈRES

Meu caro, isto não passa de pura fantasia. Tenho certeza de que os papeis de Virebord para nada te serviram; o que pretendes unicamente, é que nos aproveitemos de tua generosidade. Oh! se te conheço...

OSCAR (*com animação*)

Pretende o Sr. com effeito levar a cabo as suas intenções? Creio que Papae, no fundo, tem toda a razão; o Sr. queixa-se do isolamento em que vive e que o mata. Pois porque não leva comsigo o sobrinho de Virebord, Cypriano? E' um rapaz de minha idade e digno de toda a protecção...

DESPÈRES

Realmente é impossivel escolher melhor... E' um typo de coragem e honradez... Oscar tem toda a razão... Seria para ti um filho adoptivo e nunca te arrependerias de tal acto. Mora em Pariz só, sem ninguem por si, a fazer litteratura e a viver de um empreguinho, numa pequena typographia... trabalhando como o diabo. Delle podes fazer um homem... não ha duvida.

DES QUESNELLES

A idéa agrada-me... Dá-me o endereço do rapaz. Se não aceitar a minha intervenção, com enthusiasmo, então... deixo-o.

OSCAR

Permitta que lhe escreva alguma coisa a este respeito. No meio de todas as privações por que passa é muitissimo altivo. (*Põe-se Oscar a escrever um cartão de visita*).

DES QUESNELLES

Então, minha senhora... (*aproxima-se de Mme. Despères; ambos estão muito commovidos*) adeus e para sempre.

Mme. DESPÈRES

Para sempre?

DES QUESNELLES

Sim; nunca mais nos tornaremos a ver neste mundo. Esta viagem e os incidentes que a assignalam de modo singular e... tão cruel... dizem-me que hei de atravessar o Oceano para me enterrar numa solidão absoluta. Sem duvida serei obrigado a aban-

donar Itaibá e ir muito mais longe, no recesso dos desertos do Brasil central, (*a Mme. Despères*). Não reparem se não vierem cartas... nem me escrevam... seria perder tempo e trabalho... pois não sei bem onde poderei ir parar.

DESPÈRES (*enxugando os olhos*)

Raul, não digas isto (*Abraça-o calorosamente*)
Meu amigo de todos os tempos! Meu bom amigo...

DES QUESNELLES (*Voltando-se novamente para Mme. Despères*)

Minha senhora, entre os papeis da minha pobre irmã, morta ha quinze annos, e que me foram remettidos achei um borrão de carta que lhe era destinada. Resolvi entregal-o a quem de direito... São umas phrases infantis, ingenuas... mas repassadas de infinita ternura, que, sem duvida, a Sra. lerá commovida (*Saca da carteira e entrega a Mme. Despères a carta*).

Mme. DESPÈRES (*muito angustiada*)

Obrigada, obrigada... meu amigo! (*Desmaia apertando a mão de encontro ao collete; cercam-na todos apressuradamente até que volte a si*). Não é nada... Ando tão nervosa... Este desfecho inacreditavel!

DES QUESNELLES (*rapidamente*)

Então... adeus, adeus! Sejam felizes!

JOSEPHINA (*vivamente*)

Fique bem certo, Sr. Des Quesnelles, que eu e minha ama nunca o esqueceremos em nossas orações!

(*Cahe o panno*)

POR UM TRIZ CORONEL!
(TUA A FIGUEIRA E EU Á BEIRA)

PROVERBIO EM UM ACTO

PERSONAGENS

D. GENOVEVA
ANTONIO PRAXEDES, | *paes de*
DR. LUIZ
ALBERTINA
GUALBERTO RAMOS, *pae de*
RAYMUNDO
FIUSA, *procurador de causas*
JOÃO, *criado*
(Musicos, povo, etc.)

Passa-se a scena em Itatubóca, na provincia de...,
em fins de julho de 1868.

ACTO UNICO

(*Representa o theatro uma sala com tres portas, duas lateraes e fronteiras uma á outra, a terceira ao fundo abrindo sobre um palamar de escada de jardim e com janellas de lado a lado. Trastes bons, mas de jórmas antiquadas e pesadas; no centro uma mesinha redonda*).

SCENA I

(Ao levantar o panno, João arranja a sala).

JOÃO

Esta gente daqui não sonha senão com o correio... Então, em certos dias, ficam todos fóra de si... assanhados que nem formigas de azas pelo Natall... Perto da hora da mala, é uma gritaria dos meus peccados: «O correio já chegou? Já chegou o correio? O correio já chegou?» Hoje é um dos taes dias... O Dr. Luiz então é um damnado. Mal avista os jornaes, atira-se em cima delles, como gato a bofes... Tambem é fogo de palha. Dahi a nada estão as folhas todas atiradas por debaixo da mesa... sujas... esfarrapadas... em molambos. Quando da tal Côte do Rio de Janeiro esperam novidades... ahi é que são ellas... Augmenta o assanhamento... Não falam... não pensam senão em cartas... Uma feita já abri umas,

mas não vi motivo para tanto... Verdade é que ainda não sei nem ler nem escrever. *(Entra Luiz em robe de chambre e com um charuto á boca).*

SCENA II

(Luiz, João).

LUIZ

O correio já chegou?

JOÃO *(á parte)*Começa... *(alto)* Que eu saiba, não senhor.LUIZ *(contrariado)*

Que grande maçada!... E hoje que espero os Figaros de Pariz! *(Para João)* Pois bem, João, deixa tudo e vae buscar a mala. Vem logo correndo entregar-me tudo... jornaes e cartas... Quero ser pelo menos o primeiro a rasgar as tiras e os sellos, e a ler os sobrescriptos... *(Com ironia)* A que estou reduzido!... E assim se passam dias e semanas á espera de novidades que nunca chegam! *(Voltando-se para João)* Então ainda está aqui, Sr. palerma?

JOÃO

Mas, Sr. Dr., é cedo de mais... Nada adianta ir eu banzar diante da porta fechada do correio...

LUIZ *(abstracto)*

Se eu lhe dêsse uma roda de pontapés?... Era sempre uma distracçãozinha. Você tem razão... *(Sentando-se lentamente e falando a si mesmo)*. Cair de Pariz em Itatubócal... Que tombo! E' o que se

chama um trambolhão mestre... uma focinhada de Icaro! Também não havia mais remedio: eu já estava formado, isto é, já tinha a carta de doutor no bolso... avultavam as despezas, queixava-se o velho... e forçoso era vir dar um ar de minha graça á sociedade itatubocana... Doia-me a consciencia *(parando um pouco)* não muito... não muito... Os viveres é que estavam cortados... *(Com subita animação)* Mas que terra esta! Legítimo buraco de tatú!... Que aridez de idéas!... E' factó que em Pariz me acontecia o mesmo... nunca tive idéas... mas emfim, com a bréca! os outros pensavam por mim! *(Tira uma prolongada fumaça)*. Lembrar-me que a esta hora, no meu adorado Pariz, estaria dormindo a somno solto, porque me deitára ás duas ou tres horas da madrugada... e *(com amargura)* aqui acordado desde as cinco da manhã, por me ter mettido na cama ás dez da noite. Mas isto nunca foi vida... E' embrutecer! Antes ser logo de uma vez gallo com a obrigação de cantar á meia noite e ao clarear do dial... Para isto é que me formei? Para isto é que ajustei a minha carta com o professor Schamilanski da Universidade de Iena? Não posso metter-me a clinicar... Não hei de andar assassinando os meus semelhantes para me distraír... *(Levantando-se e fazendo cair cinza num cinzeiro que está sobre a mesa)*. E se eu me mettesse a poeta?... Dizem que não se precisa ter idéas... Mas com mil demonios, onde está a mulher que me inspire? Não ha poesia sem mulher... Emma, do *fau-bourg Saint Honoré*?... Um verdadeiro *roast-beef*... e *roast-beef* já digerido. Não, decididamente não serve... Que maçada! Que maçada!... *(Passeia de um lado para outro e esbarra com Praxedes que entra precipitadamente pela porta da direita)*.

SCENA III

(Os mesmos, Praxedes).

PRAXEDES (*muito apressado para João*)
O correio já chegou?

JOÃO (*á parte*)
Temos outro. (*alto*) Ainda não, senhor.

PRAXEDES
Pois então toca a buscar a minha correspondência.

JOÃO (*á parte*)
Ah! esta gente o que quer é que eu vá espai-
recer um pouco pelas ruas... Faço-lhes a vontade.
(*alto*) Vou num pulo.

(João sáe)

SCENA IV

(Luiz, Praxedes).

PRAXEDES (*que tem percorrido a sala de um lado para
outro com as mãos por trás das costas*)

Ah! meu filho, espero hoje uma grande noticia!...
(*Parando junto a Luiz que de novo se deixou cair
na cadeira*). Afinal... afinal (*com ar importante*) os
meus serviços... os valiosos serviços que tenho pres-
tado ao meu paiz e ao meu partido vão receber a de-
vida recompensa... Anima-te, rapaz, anima-te!...

LUIZ (*bocejando*)

Estou muito animado...

PRAXEDES (*recomeçando a passear*)

Não é numa ocasião como esta, quando teu pae
vae ter uma prova de especial distincção do governo
imperial... que te debes mostrar indifferente... so-
rumbatico!... Tambem que diabo de mania esta da
melancolia!... Tens fortuna, já gastaste muito dinhei-
ro, viajaste, és moço, intelligente, bem parecido, dou-
tor... em summa és meu filho!... Que mais queres?...
E andas sempre jururú... Que tens?

LUIZ (*queixoso*)

Não sei bem, meu pae; sinto-me molle... doen-
te... Talvez necessite de mudança de ares...

PRAXEDES

Pois vá para Caxambú... Olha: um compadre,
muito meu amigo — por signal que bem burro —
tinha mais ou menos o que tens, tristeza, fastio, cou-
sas e lousas... estava magro, abatido... pois bem; foi
para Caxambú, lá esteve dois mezes e voltou são
como um pêro, gordo como um capado, alegre e sa-
tisfeito... é verdade que mais burro do que nunca!
(*Parando novamente junto a Luiz*) Cuidemos, porém,
do que é urgente. Sem duvida desejas saber a causa
da minha agitação...

LUIZ (*com grande indifferença*)

De fórma alguma.

PRAXEDES

Muito bem! — (*Com solennidade*) Olha para
mim... firme... bem firme... És meu filho, não és?

LUIZ (*meio admirado*)

Pelo menos... parece...

PRAXEDES (*continuando*)

És homem formado, honesto, digno da estima em que te tenho... já puzeste a mão sobre os Santos Evangelhos... comprehendes portanto o valor de um segredo... Perfeitamente! Jura então que a ninguem, a nenhum mortal, homem ou bicho, revelarás o que vou contar...

LUIZ (*sorrindo-se*)

Ora, meu pae...

PRAXEDES (*com imposição*)

Jura, filho, jura! A cousa é muito séria... envolve a palavra de honra do governo imperial.

LUIZ (*levantando os hombros*)

Pois bem, jurarei quantas vezes quizer...

PRAXEDES

Agora ouve! (*Faz levantar Luiz e puxa-o para a boca da scena*) Saberás, pois, que pelo correio de ha quinze dias recebi uma carta... (*mudando de tom*) Estás-me ouvindo?

LUIZ

Sou todo ouvidos... (*á parte*) Quem me déra estar em Pariz!

PRAXEDES

Pergunto-te: de quem era essa carta?

LUIZ

Eu lá sei!

PRAXEDES (*mysteriosamente*)

Essa carta era toda do punho... do proprio punho (*interrompendo-se*) Chi!... (*dá uns passos para trás, arregala os olhos a ver se alguém os ouve e volta para junto de Luiz*).

LUIZ

Então de quem era a carta?

PRAXEDES (*achegando-se mais ao filho*)

Era do ministro... do ministro da justiça... Posso sem exageração dizer que já recebi uma carta particular do governo imperial... (*Com explosão*) Ah! que dia esse! Nem sei como me contive... Não no-taste?

LUIZ (*simplesmente*)

Não... nada notei...

PRAXEDES

Andas tambem sempre tão abstracto!... Pois custou-me bem não sair pela rua a fóra a mostrar aquelle precioso documento a toda a cidade... Comprehendi, porém, o seu alcance e só o communiquei a tua mãe e a dois ou tres amigos, que por cá passaram com destino a S. Paulo... Recommendei-lhes tambem um silencio de morte! Quanto ao compadre Gualberto, para lhe metter pirraça e uma pedra no sapato, só mostrei a assignatura do ministro... do meu ministro... Ih! foi um matacão na chanca do compadre!

LUIZ (*meio impaciente*)

Mas o que rezava a tal carta?

PRAXEDES (*com volubilidade*)

Dizia-me o ministro em confidencial... repara bem,

rapaz, (*apoiando nas syllabas*) em con-fi-den-ci-al que, tendo em attenção os serviços que eu lhe prestára particularmente, isto é, como amigo, na ultima eleição... (*Mudando de tom*) De facto gastei bem bons cobres... lá isto gastei! Mas eu sou assim... liberal de idéas e de principios... Para os sustentar... não olho a sacrificios... sobretudo quando os amigos são ministros... Não quero parecer-me com o tal compadre Gualberto... um exquisitão conservador. Fica certo, Luiz, que elle nem sabe por que é conservador... Quanto...

LUIZ (*interrompendo*)

Assim como o Sr. não sabe por que é liberal...

PRAXEDES (*com ingenuidade*)

Lá isto é verdade. (*Emendando-se*) Não... espera. Parece que me espichei... Você atrapalhou-me...

LUIZ

Mas que dizia a tal carta?

PRAXEDES (*voltando ao primeiro tom*)

Ah!... Bem!... ah!... Dizia-me o ministro o que eu já disse, et cœtera, et cœtera e cousas e lousas... e mais que (*abaixando a voz*) no proximo despacho (*pausadamente*) pretendia apresentar á assignatura de Sua Magestade o Imperador um decreto, nomeando-me... Adivinha Luiz!...

LUIZ (*olhando-o de esquelha*)

Commendador?

PRAXEDES (*risonho*)

Qual!

LUIZ

Barão?

PRAXEDES (*abanando a cabeça com ar fino*)

Tambem não.

LUIZ

Então o que? Bispo? Moço fidalgo? Chantre da capella imperial?

PRAXEDES

Nada disso!... Todas essas honrarias compram-se e entretanto a distincção... (*Interrompendo-se*) Este momento, Luiz, é serio... é muito serio!... O compadre Gualberto ha de estourar de inveja... Finge-se muito bom homem... meio simplorio... mas é um ambicioso, bem o conheço!... O filho Raymundo não é mau rapaz, não, não é!... meio acanhado... deseja muito casar-se com tua irmã, mas hoje (*entesando o corpo e puxando o collete*) hoje... com a posição que vou ter... não sei se... Afinal é minha filha!...

LUIZ (*encarando o pae com estranheza*)

Mas que historia é essa, que lhe está trabucando o espirito?...

PRAXEDES (*com repentina explosão*)

Luiz, vou ser nomeado coronel commandante da guarda nacional de Itatubóca! (*Recúa alguns passos com importancia*).

LUIZ (*um tanto risonho*)

Ora, meu pae, isto é carrancismo!... A guarda nacional!... Uma instituição prehistorical!... E' até ridiculo pensar nella...

PRAXEDES (*meio enfiado*)

Não fales assim... com desrespeito... No fim de contas sou ou não sou teu pae!

LUIZ (*aborrecido*)

Boa duvida que é!

PRAXEDES

Pois então deves dar-me mais importancia! (*Persuasivo*) Olha: estou certo que em Pariz havias de ser mais bem acolhido como filho de um coronel... E' um paiz de tradições militares... Lembra-te de Napoleão!... Não imaginas o alcance e as consequencias deste decreto... Se quizesse assentar praça... eras logo primeiro cadete... Minha mulher terá o tratamento de *dona* e eu de senhoria... tudo isso de *jure*, como quem diz capital com juro...

LUIZ (*sorrindo-se*)

O latim não é da Sorbona.

PRAXEDES

Não... é do Caraça. (*Com subito entusiasmo*) Sacode-te, rapaz! Sae desta pasmeira... Daqui a pouco arrebeta a grande noticia... Já temos encomendadas duzias e duzias de foguetes e rojões... Consta-me que os povos me preparam uma manifestação toda espontanea... Escorreguei bem bons cobres ao Fiusa, o solicitador, e juntos combinámos o programma da festa. (*Com fogo e volubidade*) Olha, pela rua dali (*apontando para o fundo*) deve vir um grupo numeroso de gente, gritando — Viva o partido liberal! Pela rua daqui ao lado (*aponta para a esquerda*) sairá outro magóte como que reunido ao acaso, dando vivas ao Sr. coronel (*interrompendo-se*)

O coronel sou eu... (*continuando*) e á Religião Catholica e Apostolica Romana. Ahi, todos nós, que estaremos á janella (*sacando do bolso um grande lenço de rapé*) agitaremos os lenços com phrenesi, soltando vivas, e vivas e mais vivas!...

LUIZ (*assoprando uma fumaça e falando a si mesmo*)
Hoje é dia de Mabile... e estar eu aqui!...

PRAXEDES (*parando e desconfiado*)

Estás me ouvindo ou no mundo da lua?

LUIZ (*com alguma amabilidade*)

Ah! estou ouvindo perfeitamente... Interessa-me bastante o que dizia.

PRAXEDES (*voltando ao primeiro tom*)

Assim pois... depois de muito abanar de lenços e grande berraria... falarei ás turbas... assim a modo de improvisado... queres ouvir-o? «Senhores, bradarei, este dia é um grande dia na historia do Brasil! Viva o partido liberal!» (*Tira rapidamente do bolso uma tira de papel e consulta-a de esguelha — Contrariado*) Oh, diabo! e não é que ainda esqueci desta vez! (*dando um grande berro*) Viva o Sr. D. Pedro II! Viva! (*para Luiz*) é escusado, meu filho; não quero desfeitear o Imperador... nada, nada! hei de ser tudo, menos republicano.

LUIZ (*distráido sempre*)

Hoje Emma...

PRAXEDES (*dando um pulo para trás*)

Como em? Tu me chamas agora de em?

LUIZ (*com vivacidade*)

Não era capaz, meu pae!... seguia outra ordem de idéas...

PRAXEDES (*com tom de branda reprehensão*)

Pois, Luiz, attende-me um pouco... Ouve a minha opinião neste particular... Has de lucrar... No meu entender... cá para mim... o Imperador é um bom brasileiro... bem bom!... Falam os jornaes da opposição... gritam muito... poder pessoal para cá... poder pessoal para lá... mas isto (*a parte*) que eu não sei o que seja (*alto*) não existe. (*Com energia*) E' o teu pae quem t'o afiança' e deves acreditar que... (*D. Genoveva apparece á porta da direita*).

SCENA V

(Os mesmos, D. Genoveva).

D. GENOVEVA (*com curiosidade*)

Então ainda nada?

PRAXEDES (*voltando-se*)

Por emquanto não.

D. GENOVEVA

Estou numa fogueira...

PRAXEDES

Não estás mais do que eu!... Que dia este! Que dia! (*Vae á janella, olha para fóra com a mão diante dos olhos e volta, dirigindo-se a D. Genoveva. Abaixando a voz*) Já deste todas as ordens? Olha que os taes povos comem como quatis e bebem que nem gambás... Nada de tróca nos vinhos... tudo quanto houver de peor...

D. GENOVEVA

Já providenciei... Vim só avisar-te que o filho do compadre Gualberto acaba de chegar... está lá dentro com Albertina...

PRAXEDES

Hum! Muito mysterio e cautela com esse sujeitinho... Não é mau moço, não senhora... mas enfim deves lembrar-te do que hoje conversámos... Não é partido para Albertina...

D. GENOVEVA

O mau é que a menina está muito inclinada...

PRAXEDES

Venha a patente e mostrarei ao tal compadre que um coronel commandante da guarda nacional e chefe do partido liberal não tem filhas para casar com caramurús... Busquem gente da sua raça.

D. GENOVEVA

De certo... de certo!... Mas se houver inclinação?

PRAXEDES (*com ar muito importante*)

Se houver inclinação, falarei á menina em nome dos principios liberaes... Hei de convencel-a. Se fôr preciso, exigirei um sacrificio ás dragonas do seu pae... Demais pretendo leval-as breve para o Rio de Janeiro.

D. GENOVEVA (*exultando*)

Ah! meu santo Deus!... Eu no Rio de Janeiro!... A minha primeira visita ha de ser á Imperatriz... A mulher de um coronel bem...

PRAXEDES (*interrompendo-a*)

Não se diz a mulher de um coronel (*apoiando em cada palavra*). Diz-se a esposa de um coronel...

D. GENOVEVA (*com simplicidade*)

Nunca supuz chegar a ser esposa!

LUIZ (*intervindo de repente*)

E uma vez no Rio, meu pae, poderei voltar para Pariz, por alguns mezes... pelo menos?...

PRAXEDES (*com impaciencia*)

Deixa-me em paz com o teu eterno Pariz!... Já gastaste lá tanto dinheiro!...

LUIZ (*com seriedade*)

Mas agora irei estudar os verdadeiros principios da escola liberal...

PRAXEDES (*mudando de tom*)

Pois bem... falaremos mais tarde... muito mais tarde!...

(*Entra Fiusa*)

SCENA VI

(Os mesmos, Fiusa).

FIUSA (*Typo de cigano. Casaca muito apertada e velha. Chapéo de forma esguia, pontuada e abas pequenas. Bengala grossa. Ares velhacos e mysteriosos*).

V. Ex. dá licença?

PRAXEDES (*saltando*)

Já chegou o correio?

FIUSA

Ainda não, senhor. (*Depositando o chapéo e a bengala numa cadeira*). Vim tratar de negocios importantes... (*Aproximando-se de Praxedes*)... umas ultimas providencias.

PRAXEDES (*rapidamente para Luiz e D. Genoveva*)

Deixem-me só... (*para Luiz*) Vá, meu filho, vá para o seu quarto.

LUIZ (*sae arrastando os passos*)

Com muito gosto... Ah! minha Emmal... minha Emma!...

PRAXEDES (*com sobresalto*)

Ema?... Ainda emma?... Que diabo de rapaz! (*Vol-tando-se para Fiusa*). Meu filho... vive só pensando nos seus estudos...

FIUSA (*com derretimento de bajulação*)

Logo se vê, Excellentissimo!... Não vá lhe fazer mal á saude...

PRAXEDES (*para D. Genoveva*)

Vae, bembem, vae. (*Com voz muito alta*) Tudo quanto houver de melhor nesta casa para os senhores da manifestação. (*A meia voz*) Nada de tróca nos vinhos... O que houver de peor... (*Ao saír D. Genoveva, faz-lhe Fiusa um cumprimento muito profundo, quasi burlesco*).

SCENA VII

(Fiusa, Praxedes).

PRAXEDES (*amavel*)

Chegue-se para cá, Sr. Fiusa; sente-se aqui perto de mim.

FIUSA

Isto não, Sr. coronel; a tanto nunca me atreverei.

PRAXEDES (*a parte*)

E' um bello character este Fiusa! (*alto*) Vá então por ordem! Sente-se aqui. (*Bate no encosto de uma cadeira que lhe fica ao lado*).

FIUSA (*risonho*)

Por ordem, sim Sr. (*Senta-se com modos servis na beira da cadeira. Praxedes repoltrêa-se, estira as pernas e cruza as mãos sobre o ventre*)

PRAXEDES

Então que temos de urgente? Parece-me que não ha tempo que desperdiçar... Não tarda a bomba a estourar...

FIUSA (*com mysterio e aproximando a sua cadeira*)

Por isto mesmo vim procural-o já... (*Abaixando a voz*) Sr. coronel, o dinheiro é pouco...

PRAXEDES

Como pouco? Duzentos e sessenta mil réis para uma manifestação espontanea?!

FIUSA

Os calculos estão aqui... póde vel-os... (*Tira do bolso um papel muito sujo*). Tudo está ajustado com a maior economia... uma verdadeira pechincha... Aliás só faltam trinta mil réis... E o que é isto para um chefe liberal? Se fosse com o Gualberto, aquelle conservador forreta... unha de fome... perdia-se tudo por essa ninharia... mas com V. Ex. a cousa muda de figura...

PRAXEDES (*enfatuado*)

Isto é verdade.

FIUSA (*persuasivo*)

Estive parafusando os meios de impedir mais esta despeza, mas não foi possivel... não foi possivel!... A' ultima hora, agora mesmo, o trombone e o bumbo recusaram-se a vir tocar na banda de musica sem esse pequeno augmento... São justamente dois conservadores... e precisamos comprar aquellas duas consciencias...

PRAXEDES

E se dispensassemos esses instrumentos conservadores?

FIUSA

Impossivel, amigo (*atalhando*) oh! desculpe, Excellentissimo... Uma banda de musica sem trombone e bumbo... nunca se viu!...

PRAXEDES

Tem razão, mas quero a cousa bem animada...

FIUSA (*exaltado*)

Ha de estar esplendida! (*Ouve-se alguém de fóra bater palmas e gritar*) — Dá licença, Sr. compadre?

PRAXEDES

Psiu!... Ahi vem o pateta do Gualberto... Tome, tome... *(Dá-lhe dinheiro)*

FIUSA *(rapidamente)*

Diga-me, Excellencia, quanto tempo teremos ainda o partido liberal de cima?

PRAXEDES *(com importancia)*

Pelas cartas ultimas que recebi de pessoas altamente collocadas... muito altamente collocadas... ficaremos no poder uns bons pares de annos...

FIUSA

Então os boatos de queda... subida dos conservadores...

PRAXEDES *(ironico)*

Tolices... tolices!...

FIUSA *(com ar de supplica)*

Não se esqueça do meu pedido... E' tão justo! Um pae como eu... carregado de familia... sempre liberal...

PRAXEDES

Esteja descançado... Escreverei ao ministro... ao proprio ministro...

FIUSA *(querendo beijar-lhe a mão)*

O senhor é meu pae!... O meu e o dos meus filhos. *(Entra Gualberto de vagar e um tanto receioso)*

SCENA VIII

(Os mesmos, Gualberto).

GUALBERTO *(da porta)*

Dá licença, Sr. compadre?

PRAXEDES *(seccamente)*

Póde entrar...

GUALBERTO *(com timidez, dirigindo-se para Fiusa)*

Bons dias, Sr. Fiusa!

FIUSA *(encarando-o com altivez)*

Viva, Sr. Gualberto. *(Voltando-se obsequioso e risonho para Praxedes)* Então ás ordens, Excellencia!

(Ao sair passa com arrogancia diante de Gualberto, que recúa, e, medindo-o de alto a baixo, põe o chapéo na cabeça, exclama) Cara de cara... murú!...

GUALBERTO *(a parte)*

O compadre já tem excellencia?! *(Olha com espanto para Fiusa que contesta o seu olhar e volta de fóra da porta duas ou tres vezes para o mirar com desprezo)*

SCENA IX

(Gualberto, Praxedes).

GUALBERTO *(a parte)*

Que terá este homem commigo? Estou já com o meu medosinho. *(Para Praxedes que durante a*

scena muda passeia pela sala com ar preocupado e puxando o beijo) Precisava, Sr. compadre, dizer-lhe duas palavras... em particular...

PRAXEDES (*parando de repente diante de Gualberto que recua*)

Hoje?

GUALBERTO

Agora mesmo, se possível fosse...

PRAXEDES

Logo hoje que tenho tanto que fazer! Enfim, sentemo-nos. (*Com tom sentencioso, ao se assentarem os dois*) Lembre-se, porém, Sr. Gualberto, que ha homens que, antes do mais... pertencem ao paiz... têm poucos minutos de seus...

GUALBERTO (*remexendo-se na cadeira e a parte*)

Que ar!... e que todo! Tenho tanto receio de tudo, tímido como sou. (*Assoa-se baixinho. Praxedes tira tambem o lenço e assoa-se com estrepito, olhando Gualberto com algum desdem*)

GUALBERTO (*recuando um pouco a cadeira*)

Que diabo terá hoje este homem, tambem!... Custa muito ser pae. (*Alto*) Como lhe ia dizendo, Sr. compadre...

PRAXEDES (*interrompendo*)

O senhor não me disse nada... E' boa esta!

GUALBERTO (*recuando ainda*)

Hein? (*espantado*) E' um modo de entrar em materia...

PRAXEDES (*cruzando as pernas*)

Entre pois em materia.

GUALBERTO

Assim, pois... assim pois! (*A parte*) O Fiuza deu-lhe excellencia... Isto muito me perturba. (*Alto*) Assim pois!...

PRAXEDES (*com impaciencia*)

Assim pois o que, senhor?

GUALBERTO (*com esforço*)

Assim pois, Sr. compadre, em duas palavras... venho pedir-lhe a mão da sua filha para o meu Raymundo. (*Depressa*) Os dois conhecem-se desde em criança... e o pedido não deve causar-lhe admiração.

PRAXEDES (*atalhando*)

Espere! (*Com imposição*) Espere! (*Dá um grande espirro; Gualberto estremece*). Continue agora.

GUALBERTO

Continuar o que?... O meu mais velho está se finando... Quando vi isto, disse á minha segunda Eva: «Já sei o que é; vou á casa do compadre buscar o remedio.» (*Com explosão*) Meu bom amigo e senhor, casemo-nos,... não... não... casemos aquelles dois pombinhos... Elles tanto se querem! E demais o Raymundo é apatacado... Como sabe, a minha primeira Eva...

PRAXEDES (*levantando-se*)

Não se trata disto, Sr. Adão... quero dizer, Sr.

Gualberto!... Lembre-se que entre as nossas duas famílias ha um abysmo... um abysmo muito fundo!

GUALBERTO (*pasmo*)

Um abysmo?!

PRAXEDES

O senhor o disse!

GUALBERTO

Mas que abysmo? Não comprehendo nada.

PRAXEDES

Que abysmo?... A divergencia politica!... O senhor é conservador, eu liberal! Cada um de nós empunha uma bandeira... Basta de disfarces e contemplações!... Mascaras abaixo, Sr. Gualberto! O senhor deve ser inimigo meu... Eu devo ser o seu!...

GUALBERTO (*levantando-se*)

Que historias são estas, Sr. compadre? Você que nunca fez caso de politica... Do meu lado, como bem sabe, só sou politico, quando o meu partido está de cima na Côrte... No mais, me encolho... me encolho... que ninguem me vê...

PRAXEDES (*levantando-se tambem*)

Pois hoje tenho deveres muito serios que cumprir!

GUALBERTO

Então recusa o meu Raymundo.

PRAXEDES

Minha resposta é uma unica: não posso trahir a confiança que em mim deposita o governo imperial.

GUALBERTO (*indeciso*)

Devéras não entendo patavina. (*A parte*) E o meu filho a se finar! (*Ouve-se o estrondo de um foguete ao longe*)

PRAXEDES (*com exaltação*)

Está ouvindo? Está ouvindo? E' a grande noticia que chegou!... Felizmente vivemos num paiz onde o vicio é sempre recompensado e a virtude castigada. (*Emendando-se*) Não; troquei as bolas!... O vicio castigado e a virtude recompensada! (*Novos foguetes. Ouve-se uma musica muito desafinada*)

PRAXEDES (*muito agitado*)

E eu ainda nestes trajés? (*Corre para a porta da esquerda e bate com força*) Luiz! Oh! Luiz, ahi vem manifestação.

LUIZ (*da parte de dentro*)

Que a leve o diabo!

PRAXEDES (*correndo para a outra porta e gritando para dentro*)

Sra. Genoveva... Ahi vem a cousa! (*Voltando para a boca da scena e procurando nos bolsos um papel que não acha*) E se eu esquecer o improvisado!... Vamos repetir: Senhores... senhores! E que tal, agora? Não me lembro de mais nada... Que dia! Que dia este!... Estas emoções matam um homem!

GUALBERTO (*chegando-se á janella*)

O' Sr. compadre, veja quanta gente chega pela rua da frente!... O Fiusa vem carregando a bandeira nacional... Que haverá?... Estão gritando!... Dando vivas!

PRAXEDES (*exultando*)

E o que gritam?

GUALBERTO (*buscando ouvir*)

Ainda não ouço bem... Espere... Estão gritando viva o coronel!... Que coronel é esse?... Você está pálido, tremulo... Que tem?... (*Entram D. Genoveva, Albertina, Raymundo, Luiz e João*)

SCENA X

(Os mesmos, D. Genoveva, Albertina, Raymundo, Luiz e João).

D. GENOVEVA (*fazendo irrupção*)

Ah! Sr. Praxedes!... Quanto povo! Você é muito estimado! Nunca se viu cousa assim. A casa está toda cercada!... Que gritaria! (*Ouvem-se muitos vivas e pancadaria de musica*)

PRAXEDES (*encaminhando-se para a janella*)

E' chegada a hora... Preciso mostrar-me aos povos...

GUALBERTO (*detendo-o pelo braço*)

Explique-me, Sr. compadre...

PRAXEDES (*sacudindo o braço*)

Vá para o diabo... Não me perturbe mais! (*Ouve-se um grande brado de — Viva o partido conservador!*)

LUIZ (*da janella*)

Mas a gente está victoriando o partido conservador, e, se não me engano, nós cá somos liberaes...

PRAXEDES (*estupefacto*)

Impossivel! (*Novas acclamações*).

PRAXEDES

Isto é um sonho... Só se o Fiusa perdeu a tramontana... ficou louco de repente!... (*Pasmo geral, emquanto a musica faz grande bulha com sensivel desafinação. Entram pela porta do fundo Fiusa, de bandeira nacional em punho, e pessoas do povo*)

SCENA XI

(Os mesmos, Fiusa e homens do povo).

FIUSA (*sacudindo a bandeira*)

Viva o partido conservador!...

GENTE DO POVO

Viva! Viva!...

D. GENOVEVA (*tapando os ouvidos e chegando-se assustada a Praxedes*)

Meu Deus, se isto acaba em matança...

FIUSA (*depondo a bandeira*)

Viva o Sr. coronel!

PRAXEDES (*adiantando-se*)

Que significa esta comedia?

FIUSA

O correio acaba de chegar!... Cahi o partido liberal no meio da alegria geral, subiram os conser-

vadores... triumphou a moralidade, e o Sr. Gualberto, o nosso chefe e amigo, teve a patente de coronel commandante superior da guarda nacional de Itatubóca...

PRAXEDES (*contendo-se*)

Cahiu o partido liberal?

FIUSA

No chão... redondamente... bum!

GUALBERTO E PRAXEDES (*com intonações diferentes*)

Ui!

LUIZ (*chasqueando*)

Homem! Eis uma diversão com que eu não contava... Um trecho impagavel na historia de Itatubóca. (*Ha um momento de constrangimento geral*)

PRAXEDES (*a parte*)

Sejamos homem! Coragem! (*Adiantando-se para Gualberto. Alto*) Eu já sabia de tudo, meu bom amigo e respeitavel compadre! Receba os meus parabens! (*Chega-se para junto de Fiusa e baixo para este*) Cale-se, Sr. canalha! (*Alto*) Esta manifestação foi preparada por mim... não ao politico, (*com emphase*) porque, antes de tudo, tenho convicções muito altas... mas ao homem particular a quem estimo de-véras e desde muitos annos dedico amizade!

FIUSA (*a parte*)

E não é que o pateta teve espirito um dia!

GUALBERTO (*abraçando Praxedes*)

Meu excellente amigo! Estas lagrimas... (*Enxuga os olhos*)

PRAXEDES (*voltando-se para as pessoas do povo*)

Meus senhores! Viva o meu compadre o Sr. Gualberto! (*a parte*) Hei de impingir-lhes um improviso. (*Alto*) Este dia, senhores, é um grande dia... para o partido conservador de Itatubóca! (*Com nobreza*) Quanto a mim e a minha familia seguimos para o Rio de Janeiro (*Com ternura para Geneveva*) — Minha mulher, consolemo-nos... vamos para as ostras...

D. GENOVEVA (*com surpresa*)

Para as ostras?

RAYMUNDO (*avançando com timidez*)

Sr. Praxedes...

PRAXEDES (*voltando-se com alguma arrogancia*)

Hein?...

GUALBERTO (*vendo o filho recuar*)

Mas antes dará o seu consentimento para que D. Albertina...

PRAXEDES (*com tom sombrio dirigindo-se para a filha*)

Que diz você, menina?

ALBERTINA (*perturbada*)

Papae, eu, digo...

D. GENOVEVA

Fale, filha, fale sem acanhamento...

ALBERTINA (*confusa*)

Eu digo... que o pedido não me desagrada...

PRAXEDES (*como que tomando uma grande resolução e com gesto nobre*)

Pois então... casem-se! (*Emquanto todos rodeiam os noivos para felicitá-los, Praxedes puxa Luiz para a frente da scena*)

PRAXEDES (*sombrio*)

Não notaste, Luiz?

LUIZ

Não... o que?

PRAXEDES

Não dei o viva ao Imperador, Luiz! (*Com muita energia*) Ha poder pessoal... Ha! meu filho... ha... sou teu pae... deves acreditar-me...

LUIZ

Acredito, meu pae... Mas... uma vez no Rio de Janeiro... seguirei para Pariz?...

PRAXEDES (*com solennidade*)

Sim, querido filho!... Segue... segue para a terra do exilio! (*Acabrunhado*) Que dia! Que dia estel! (*Gritos, vivas e musica fóra*)

(*Cahe o panno*)

DA MÃO Á BOCA SE PERDE A SOPA

PERSONAGENS

MANOEL RIBEIRO, *Capitalista, marido de*
D. RITA, *mãe de*
ISABEL.
ANTONIO DA FONSECA, *tio de*
MIGUEL FARIA.
JOÃO DE SIQUEIRA.
ALFREDO ROCHA, *primo de Isabel.*
IGNACIO LEMOS, *pae de*
ALBERTO LEMOS.
UM CRIADO.

A scena passa-se no Rio de Janeiro.

ACTO UNICO

(*Sala de visitas de Manoel Ribeiro: mobilia rica. No meio, uma mesa com tapete de gosto. Nos consolos jarras com flôres. Portas lateraes e ao fundo.*)

SCENA I

(Manoel Ribeiro, Fonseca).

RIBEIRO (*passa de um lado para outro, ao passo que Fonseca está sentado junto á mesa*)

E' como lhe digo, meu amigo; tudo se póde arranjar...

FONSECA

Então não lhe desagrada a minha proposta?

RIBEIRO

Sinceramente, não. Eu, além d'isso, já a esperava... Combinei certas cousas... vi em você uns ares. E' que não sou nenhum palerma: previ que breve teríamos que falar a respeito e preveni D. Rita, minha mulher...

FONSECA

Nós todos o conhecemos como homem sagaz.

RIBEIRO (*com simplicidade affectada*)

Sagacidade, não: alguma penetração... e quer que lhe diga uma cousa? (*parando diante de Fonseca que se levanta*) essa penetração não se desenvolveu como devêra por causa da educação que meus paes me deram. Oh! eu havia nascido para alguma cousa de grande neste mundo... e que consegui afinal?... Que sou no fim de contas?

FONSECA (*com calor*)

Oh! meu amigo, capitalista e muito fortel... Que se póde desejar mais?

RIBEIRO (*levantando os hombros*)

Qual!... E a gloria, Snr. Fonseca? A gloria?

FONSECA (*com surpresa*)

Que quer você com a gloria?

RIBEIRO (*apressadamente*)

Sim... ter um nome celebre, conhecido, ouvir a boca da fama apregoar os nossos triumphos, nossas façanhas... vêr-se apontado... sentir o nosso amor proprio docemente lisongeadado... Então tudo isso de nada vale? olhe, palavra de honra: eu quizêra agora, neste momento, ter só uma côdea de pão duro que roer, comtanto que tivesse a certeza de que o nome de Manoel Ribeiro enchia os quatro cantos do universo... Pintar um quadro immenso... escrever um poema em cincoenta cantos ou romance em trinta volumes... compôr uma marcha solemne para oitocentos e cincoenta professores (*com muito fogo*) hein? Que satisfação!... Como se deve ficar cheio!... Isto sim... isto é viver. Tudo o mais não passa de penoso vegetar, como se a gente fosse simplesmente um pão de

ipê ou de peroba... Para tudo aquillo é que eu nascêra... entretanto...

FONSECA

Entretanto?

RIBEIRO

Desde os meus primeiros annos vi contrariada a minha vocação... Nasci na opulencia, cresci na riqueza, fui obrigado a cuidar de meus bens, a augmental-os, e com estes cuidados materiaes lá se foi extinguindo o fogo sagrado que em minha mente ardia, e que a miseria e o desgosto teriam feito medrar como chamma devoradora...

FONSECA

Eu o acho, Sr. Ribeiro, poeta de mais...

RIBEIRO (*com ar desabusado e puxando o beijo*)

Eu poeta?... Aos cincoenta annos... depois de trinta de casado e bem casado?!... Já com uma filha em estado de tomar estado?!... Você então não conhece o poeta! Poeta é um moço pallido, macerado de vigalias, namorador das estrellas, apaixonado louco de quanta mulher encontre, verzejador em cima das fogueiras da inquisição ou espetado n'uma bayoneta, choramingador de desgraças por que nunca passou... de cotovelo rôto e chapéo amassado (*parando de repente e com satisfação*). (*Mudando de tom*) Se o poeta fôr velho então é philosopho... ou calvo como um urubú, ou possuidor de guedelha inculta e rebelde... unhas compridas, olhar desvairado, cantarâ as delicias da mocidade, que outr'ora lhe parecêra atroz, e desesperará da salvação da humanidade. Mas no meio de tudo isto, como a gente sente o coração bater! Quantas alegrias, quantas doçuras nas privações... No juizo dos outros não passa de um infeliz...

mas no intimo o poeta não troca as suas illusões pela fortuna de um príncipe... de um nababo...

FONSECA

De um Ribeiro... maganão!

RIBEIRO (*sorrindo-se meio resignado*)

Que quer você? Não tenho outro meio de me celebrar... Custei a consolar-me... custei... Também não estaria casado... não teria uma filha que é preciso dotar... Uma vez nestas condições é melhor... que eu possua algum dinheiro nos bolsos do que muitos versos na cachola. (*Rindo-se, aproxima-se de Fonseca a piscar um olho*) Que diz, Snr. Fonseca? O senhor pensa também assim, não é?

FONSECA

De certo, os encargos de familia...

RIBEIRO (*abanando a cabeça com ar fino*)

Não é só por isso!... E' também por aquelle maganão... aquelle seu sobrinho... Que rapaz feliz!

FONSECA (*com repentino enthusiasmo*)

Que actividade!

RIBEIRO

Boa presença... bons cabellos...

FONSECA (*encarecendo*)

Dentes excellentes!

RIBEIRO

E' um moço que tem futuro...

FONSECA

Calculista, meu amigo! Não dá um passo sem pensar; não diz uma palavra (*faz com as mãos gesto de quem pesa*) sem pesal-a cuidadosamente...

RIBEIRO (*com certa hesitação*)

Mas elle... me parece...

FONSECA (*com algum receio*)

O que?

RIBEIRO

Prosaico de mais...

FONSECA (*arrebatao*)

Como prosaico! Diga realista... Um bom senso pratico que espanta... não vê as cousas senão como ellas são. Nada ás avéssas... nada de miragens... Pão pão, queijo queijo... E' da minha escola... Por isso entreguei-lhe sem receio algum a gerencia de meus bens, e tudo corre ás mil maravilhas... A minha casa de cafés foi a mais poupada... o genero começou a baixar e eu tinha os armazens abarrotados. Assustei-me... Então... (*interrompe para assoar-se com estrondo*).

RIBEIRO (*com interesse*)

Então?

FONSECA

O Miguel tranquillizou-me e pôz-se a comprar mais...

RIBEIRO

O' homem, era arriscado!

FONSECA (*com vivacidade e orgulho*)

Não era? Pois bem, dous dias depois subia o café e ahí vendemos com furia... Graças ao menino gachei bastante. (*Com alguma ternura*) Ah! Snr. Ribeiro, o senhor faz um casamentão... Palavra de honra é um casamento de mão cheia...

RIBEIRO

Estou certo que minha filha ha de ser feliz...

FONSECA (*influindo-se pouco a pouco*)

Que duvida! Um noivo d'aquella força no movimento da praça!... Um olho tão firme nas subidas e descidas do café!... Que significa isso senão riquezas, sedas, commendas, e afinal baronatos e talvez até a carta de conselho! Depois... poucos filhos... Comprehende?... Não ha tempo.

RIBEIRO

E isso é mais conforme á poesia...

FONSECA

De certo! E mesmo impedem-se subdivisões de fortuna...

RIBEIRO

E' pena que o seu sobrinho não cultive (*parando nas palavras*) alguma arte... Olhe, se eu fosse moço ensaiava o piano ou então a harpa (*com gesto de quem dedilha*). E' tão gracioso!

FONSECA (*meio admirado*)

Pois quer mais arte do que a que elle tem? Quer um teclado mais difficil de conhecer do que a opinião dos agiotas... do que o capricho dos homens da praça? Oh! se houver no mundo outro noivo como

elle, certamente não ha tres... Não, isto lhe asseguro!... Muito brevemente elle terá de seu cento e cincoenta contos de réis... vinte e oito annos... e um juizo!... Não é sovina... nem gastador; sempre no meio termo...

RIBEIRO

Creio que elle agrada tambem á minha mulher...

FONSECA

Tenho toda a certeza. Não ha coração que lhe resista.

RIBEIRO

E minha filha? Que pensará d'elle?

FONSECA (*com segurança*)

Não póde deixar de sympathisar muito com o meu sobrinho...

RIBEIRO

Elle não se lembrou ainda de offertar-lhe um album...

FONSECA

Qual album!...

RIBEIRO

Na sua posição não lhe ficava mal... Um moço, quasi um noivo, entra em toda a parte com um album debaixo do braço e com versos de sua lavra ou de algum amigo... Isto agrada sempre ás mulheres...

FONSECA

Não duvido; mas um homem como o Miguel, fale com franqueza, póde estar a namorar? Confessemos que é um periodo difficil esse em que a gente sente necessidade de casar, procura noiva e tem que

lhe fazer a côrte. Quem tem algum tacto vai logo simplificando tudo... Não vê como o Miguel sahe-se desse passo? Observou a sua reserva, a sua dignidade?... Estou certissimo que elle ama a sua filha como um louco, mas quanta calma!... Hein? mas se percebe...

RIBEIRO

Na verdade. Acho-o até frio de mais... Eu não quizêra levar o casamento de minha filha, como se fôra um negocio commercial...

FONSECA

Mas quem pensa em tal, Santo Deus?! Nada. E' preciso que fale o sentimento... E quer que lhe dê uma prova? Ha dias o meu sobrinho disse-me com toda a convicção: se eu não casar com Isabel, hei de ter que fazer uma viagem á Europa para distrahir-me... Meça, Sr. Ribeiro, (*com tom grave*) o sacrificio! Um homem tão occupado! uma viagem e não é a Juiz de Fôra ou a Theresopolis. Qual! (*com ar fúnebre*) E' á Europa!...

RIBEIRO

Com effeito, se elle disse isso...

FONSECA (*com imposição*)

Disse e fal-o. E' rapaz de resolução... Tambem posso afiançar-lhe: sabendo elle que você gosta tanto de poesia, é capaz de garatujar num instante resmas de papel, enchendo-as de versos.

RIBEIRO (*com ar de superioridade compassiva*)

Ah! isto fia-se mais fino! E a inspiração?

FONSECA (*com resolução*)

Queira elle e veremos... Oh! que marido eu lhe dou, Sr. Ribeiro...

RIBEIRO

Aceito-o para a minha filha... caso agrade, condição indispensavel.

FONSECA

E' do que ninguem duvida... Elle entra nesta casa com o pé direito... Fará a felicidade de todos; a sua, a de sua mulher...

RIBEIRO

Basta que faça a de Isabel... E' tudo quanto lhe pediremos.

FONSECA

Então, ao chegar sua senhora á sala, annuncia-se-lhe logo o acontecimento, não é?

RIBEIRO (*com alguma pausa*)

Sim... sim... mas confesso a você que nunca vi casamento com menos estorvo... Não gosta desses em que ha alguma cousa de imprevisto?... Paes a negarem... mães a gritarem... filhas a chorar... noivos audazes...

FONSECA

Ora, pelo amor de Deus, deixe-se disso... São cousas de outro tempo... Ahi chega D. Rita...

SCENA II

(Ribeiro, Fonseca, D. Rita).

FONSECA (*dirigindo-se ao encontro de D. Rita e estendendo-lhe a mão*)

Peimitta, comadre, que eu a cumprimente...

D. RITA (*estende-lhe a mão*)

Oh! Sr. Fonseca...

FONSECA (*continuando no que ia dizendo*)
que a cumprimente neste momento e de um modo especial... com mais effusão do que nunca...

D. RITA

Aceito os seus cumprimentos, mas pergunto a razão desta effusão...

FONSECA

O seu marido que lh'o diga...

D. RITA

Meu marido?... Em todo o caso a noticia é boa, não é?

FONSECA

Para mim excellente...

D. RITA

E ha-de agradar-me?

FONSECA

Estou que sim...

D. RITA (*meio risonha*)

Então adivinho...

FONSECA

E'...

D. RITA

O pedido em casamento de minha filha...

RIBEIRO (*intervindo*)

E' verdade. O nosso amigo e compadre, o Sr. Fonseca veio cá, e sem gravata nem luvas brancas, sem ceremonias, nem concertar a garganta, ou empertigar o corpo, pediu-me a mão de Isabel...

D. RITA (*interrompendo-o*)

E você lhe respondeu...

RIBEIRO

O que você responderia...

FONSECA (*voltando-se para D. Rita*)

Então?

D. RITA (*sem hesitação e com simplicidade*)

Eu diria que sim! A que devemos attender se não á felicidade de nossa Isabel?...

FONSECA

Não soffre duvida...

D. RITA

E quem poderá tornal-a feliz?

FONSECA (*para Ribeiro*)

Sim, quem?

RIBEIRO

Quem?

OS TRES (*a um tempo*)

Miguel Faria!...

D. RITA

Tão amavel moço...

RIBEIRO

Boa figura...

FONSECA (*com ar de importancia*)

E apatacado...

D. RITA

Um cavalheiro perfeito...

RIBEIRO

Previdente...

FONSECA

Em cafés não ha outro igual...

RIBEIRO

Então ha uma só voz a seu respeito, não é?...

Tudo são rosas...

D. RITA

Accordo perfeito...

RIBEIRO

Embora. Eu desejára algum motivo (*hesitando*) de contrariedade... Estes casamentos assim...FONSECA (*com alguma impaciencia*)Ora, Sr. Ribeiro, sempre aquellas idéas?... (*volvendo-se para D. Rita*). Não entendo bem... O compadre pretende que... casamentos em que haja opposições... são... não sei como diga... mais poeticos... Paes a negarem, mães a gritarem!...D. RITA (*offendida*)

Oh! Sr. Ribeiro!...

RIBEIRO (*com alguma vivacidade*)

Não: o meu pensamento não é este... eu...

FONSECA (*interrompendo-o*)

Ora, venha cá... O senhor não foi tão feliz com a sua mulher?... E para esse enlace não concorreram todas as circumstancias desejaveis?

RIBEIRO

Talvez houvessemos sido ainda mais felizes, se...

D. RITA (*com indignação*)

Oh! Sr. Ribeiro, esta é forte!...

RIBEIRO (*com ar conciliador e falando com volubildade*)

Não é isto que eu queria dizer... Mas, attendam bem... Essas luctas, essas difficuldades anteriores a um consorcio gravam-se na memoria eternamente... São motivos de conversa para uma vida inteira... E quando voltarem os anniversarios! Que fartão de re-

cordações! *(com fogo)* Imaginem vocês dous esposos, 25 annos depois de um rapto. «Tu te lembras, fulana?» pergunta o marido. «Oh! se me lembro, responde a mulher.» «O signal para appareceres na janella era assim *(assovia baixinho e prolongadamente)* Teu pae estava dormindo »...

D. RITA *(procurando interrompel-o)*
Que historias, Sr. Ribeiro!

RIBEIRO *(continuando)*
«Abriste a janella devagarzinho... Eu puz uma escada... Ih! que medos! Teu vestido agarrou num varão de ferro... Eu puxo; elle rasga-se»...

D. RITA
Mas isto é até indecente...

FONSECA
Deixe ir... nelle é o poeta que fala...

D. RITA *(rindo-se)*
Poeta!... Aos 50 annos e com dous mil contos de reis!...

RIBEIRO *(pausadamente, meio pensativo e como que falando para si)*

Não o sou, devéras!... Mas que geito eu tinha!... Parece-me que se houvesse estudado em regra, só falava em verso... Não me mataram o corpo... não; mas quanto á alma posso exclaimar como Nero *(bater palmas na porta do fundo)*. — Ribeiro muda de tom e alto). Quem é? E' sempre assim! Estava com idéa bonita, zás, me interrompem... e fica tudo perdido. *(Novas palmas e fortes)* Toda a minha vida foi as-

sim... Mas, quem é? Entre *(caminhando para a porta)* entre pelo amor de Deus!

(Alfredo Rocha entra).

SCENA III

(D. Rita, Fonseca, Ribeiro e Rocha).

RIBEIRO *(olha admirado para Rocha que se mostra espantado)*

Com a bréca... era você? Que diabo fazia a bater palmas na porta da sala de visitas?... Porque não entrava?...

ROCHA *(cumprimentando a Fonseca e D. Rita com algum acanhamento)*

Sr. Fonseca... minha tia...

D. RITA
As suas palmas, Alfredo, nos assustaram...

ROCHA *(com sentimentalismo como que comprimido a custo)*

Oh! essas palmas têm uma significação... sim, ellas têm...

RIBEIRO
O certo é que vieram muito fóra de tempo... Cortaram-me o fio de uma comparação *(voltando-se para Fonseca)* Que dizia eu, compadre?...

FONSECA
Você dizia... espere...

RIBEIRO (*instando*)

Procure... procure...

FONSECA (*deitando os olhos de um lado e d'outro como quem, procura no chão alguma cousa*)

Nada acho...

RIBEIRO (*com um dedo na testa*)

Eu comparava-me... Qual!... Está perdida... Adeus, idéa!... Malditas, malditas palmas!

FONSECA

Console-se... fica para outra vez... ajudado pelo seu sobrinho... Este, sim, é poeta!...

D. RITA

Com effeito o Alfredo faz bem bonitos versos...

ROCHA (*com alguma ênfatuação*)

Oh! isto é bondade!...

RIBEIRO (*com tom dogmatico*)

Não, eu lhe digo com verdade, aquelle seu livro tem cousas recommendaveis... aquella ode sobre o Amazonas... aquella...

FONSECA (*interrompendo-o*)Tambem foi acolhido com estrondo (*voltando-se para Rocha*) O senhor deve ter ganho muito, não é?ROCHA (*ironico e superior*)

Com a minha obra?... Qual! no Brasil não ha quem compre livros... As letras vegetam...

RIBEIRO

Tem toda a razão... Eu, apesar de ser seu tio, julguei dever comprar um exemplar... Não o quiz gratis, não só para animar a venda, como para não dever favores...

FONSECA

Fez muito bem... No seu caso assim procedia...

RIBEIRO (*com ênfatuação*)

Fui ao livreiro e paguei logo tres mil réis... Sinceramente achei caro... um livrinho fininho, muito entrelinhado, emfim era o preço e sem a minima reflexão lá deixei o meu dinheiro... E não me arrependo... Ha trechos que applaudi... Eu faria talvez outra cousa... mais vasta, menos cortada... mas emfim cada qual faz como póde e entende... Entretanto...

D. RITA (*interrompendo*)Entretanto os senhores permitirão que eu vá vêr porque não apparece Isabel... (*voltando-se para Fonseca*) O senhor janta conosco...

FONSECA

Já que é ordem...

D. RITA (*para Rocha*)

De certo você tambem...

ROCHA

Com muito gosto...

D. RITA

Pois, então, entrem. Vamos até o jardim... Talvez lá encontremos a menina... Mostrar-lhes-ei umas lin-

das dhalias que me chegaram de Petropolis... (*para Rocha*). Quer vir, Alfredo?

ROCHA

Desculpe-me minha tia, preciso falar com o seu marido...

D. RITA

Sr. Fonseca, dê-me o seu braço.

(*D. Rita e Fonseca sahem de braço dado e a conversarem pela porta da esquerda*).

SCENA IV

(Ribeiro e Rocha).

RIBEIRO

Então que novidades ha? Olhe que tenho ainda que fazer *toilette* antes de ir para a mesa do jantar.

ROCHA (*um pouco sombrio*)

Preciso falar-lhe... e agora mesmo!

RIBEIRO

Cousa urgente?...

ROCHA

Urgentissima!

RIBEIRO

Em todo o caso abrevie quanto puder... Tenho que apparecer hoje com algum esmero mais... Logo saberá a razão... Devéras é cousa grave?

ROCHA

Gravissima...

RIBEIRO

A' vista disto... sentemo-nos... Sou todo ouvidos... (*Rocha apresenta uma cadeira: Ribeiro senta-se e indica outra ao lado*).

RIBEIRO

Comece pois...

ROCHA (*meio acanhado*)

Meu tio... convem recorrer... á sua benevolencia... antes de entrar em conversa...

RIBEIRO (*olhando para Rocha com alguma admiração*)

Você está perturbado... Que tem?

ROCHA (*no mesmo tom*)

Tambem o favor que lhe venho... pedir... é tão grande... tão grande...

RIBEIRO (*irresoluto*)

Di...nheiro?

ROCHA (*com movimento energico de negação*)
Não Snr.!

RIBEIRO (*mais expansivo*)

Então que é?

ROCHA (*hesitando*)

E'...

RIBEIRO (*com curiosidade e chegando a cadeira*)

E'?...

ROCHA (*tomando subita resolução e ás pressas*)

E' a mão de sua filha Isabel, a quem amo desde muitos annos como um louco, a quem adoro, idolatro em segredo, dia e noute, a quem...

RIBEIRO (*afastando um pouco a cadeira e tossindo*)

Hum! Hum!

ROCHA (*com anciedade*)

Então?... que diz?

RIBEIRO (*encolhendo devagar os hombros*)

Homem, eu não digo nada.

ROCHA (*apressadamente*)

Então consente?... Oh! meu Deus!

RIBEIRO

Eu não disse isto...

ROCHA (*abatido*)

Nega-m'a pois, oh!... hei-de...

RIBEIRO

Tambem não disse isto...

ROCHA

Então que foi que disse?...

RIBEIRO

Nada! (*tomando attitude de quem vai orar*) Al-

fredo, conversemos um pouco... Você é meu sobrinho e tenho de tratá-lo com a consideração devida não só a meu parente, como a um homem de intelligencia e conceituado...

ROCHA (*interrompendo-o*)

Mas...

RIBEIRO (*gravemente*)

Deixe-me falar... As palavras que vou dirigir-lhe são conselhos de quem, prezando-o como parente, preza tambem a gloria de sua familia. Você pede a mão de minha filha, não é?

ROCHA

E' verdade... aspiro...

RIBEIRO (*com gesto de imposição*)

Pois faz uma furiosa asneira.

ROCHA (*levantando-se admirado*)

Como assim?...

RIBEIRO (*levantando-se tambem*)

Em duas palavras lhe explico tudo. Você (*pausado e com voz muito grave*) não deve casar! A sua vocação não lhe permite senão o celibato... Veja bem. Eu lhe aceno com a gloria! Que quer dizer um poeta casado, em riscos de ter duzia e meia de filhos, ao lado de uma mulher que vai envelhecendo... ficando rabujenta, desdentada, descabellada?! Meu Deus, que cousa horrivel!... Haverá inspiração que resista a causas tão deleterias?...

ROCHA

Meu tio...

RIBEIRO (*com volubildade*)

Não me interrompa... Sei que hei de levar a convicção á sua alma... Supponha os grandes poetas presos pelas cadêas do matrimonio... Que teriamos em poesia?... Nada... nada... mil milhões de vezes nada!...

ROCHA (*enfado*)

O senhor quer caçar...

RIBEIRO (*entusiasmando-se*)

Não consinto que me interrompa... Que fôra de Dante, de Petrarca, de Tasso, de Camões e tantos outros, se tivessem prosaicamente desposado a dama de seus pensares?... Se tivessem tido que cuidar no sustento dos filhos, que os vestir, leval-os a passeio, á escola!... Meus santos do paraíso, que pensões e que trabalhos! Puramente a vida material... Em lugar disso, que fizeram? Carpiram só os males da alma, dessa alma que encheu os espaços com clarões inextinguíveis!...

ROCHA

Mas... eu amo...

RIBEIRO (*levantando a voz*)

Perfeitamente! E' o que todos nós queremos. Contrariamos o seu sentimento, machucamos o seu amor proprio, e d'ahi resultarão versos sonoros, repassados de fel e de ironia, versos arrebatadores, versos byronianos, versos, emfim, como os faz quem é poeta, e poeta infeliz... Você soffrerá, soffrerá muito, não ha duvida; as insomnias o perseguirão, estou certo disso; perderá o appetite; terá talvez dyspepsias crueis... mas que livro depois de todo esse padecer atroz!...

ROCHA (*um tanto sombrio*)

Não posso crêr que o senhor queira divertir-se á minha custa...

RIBEIRO (*muito serio*)

Juro que lhe falo com toda a sinceridade. Falo, como falaria a um filho. Estas são as minhas idéas. Você tem muito talento, todos o reconhecem... Mas sabe porque até agora não tem produzido senão livrinhos de pouco folego, quasi ethicos?... Simplesmente porque é um moço serio, empregado publico moderado nos seus gastos, cauteloso e homem de sociedade... Que diabo! Porventura póde o fogo sagrado da poesia alimentar-se em quem vive como o commum dos mortaes?! Não, não de certo! O éstro tem alguma cousa de extraordinario, de anormal... direi quasi de infernal!...

ROCHA

Ora, meu tio...

RIBEIRO

Ponha-se você a gastar tudo quanto tem... deixe tudo, emprego, bailes e theatros; caia na mais abjecta crapula (*Mudando repentinamente de tom*) Não lhe dou estes conselhos, Deus me defenda: é uma simples hypothese... (*Voltando ao primeiro tom*) frequente a taverna, desça á mais completa miseria; seja, emfim, para resumir tudo em uma palavra, seja um miseravel, e no excesso, nos desmandos, você se sentirá transfigurado... O mau vinho com que você se embriagar, a mulher perdida que abraçar em publico, as convenções sociaes que calcar aos pés, a fome que lhe roer as entranhas, tudo ha de exaltalo de modo estranho, e, no momento da maior degrada-

ção, o seu coração vibrará com uma energia desconhecida... A sociedade lamentará a sua sorte... todos o evitarão... eu mesmo, quem sabe?... mas a posteridade o ha de vingar!...

ROCHA

Não posso ouvil-o...

RIBEIRO

Que póde fazer uma intelligencia volcanica comprimida por um chapéo, sentindo os pés apertados em botinas envernizadas e os dedos entalados em luvas, como você está agora?... Que martyrio para a sua alma! E por cima quer casar?...

ROCHA

Mas sua filha?...

RIBEIRO

Minha filha? (*Com simplicidade*) Que tem? Você a accusará perante os seculos... a levará ao tribunal da posteridade. Que thema, hein? Assumpto um pouco batido, mas que mina! Até eu sou capaz de exploral-a com vantagem... porque tambem nasci com aspirações... mas casáram-me cedo de mais... Não tive motivos de arreponder-me, mas o estado nunca me inspirou a menor idéa! Ora, eu mesmo, irei consentir que você tambem se perca?

ROCHA

Tudo quanto o senhor me disse não significa cousa alguma.

RIBEIRO

Como assim?

ROCHA

Não vejo uma razão...

RIBEIRO

Uma razão?

ROCHA

Sim, um motivo plausivel...

RIBEIRO (*ponto as mãos para traz e abanando devagar a cabeça*)

Pois elle existe e muito, muitissimo valioso...

ROCHA (*com anciedade*)

Qual é?

RIBEIRO

A mão de Isabel já está dada...

ROCHA (*com explosão*)

Mas a quem?... A quem? (*Ouvem-se passos fóra, e apparecem á porta Miguel Faria e Siqueira*).

RIBEIRO (*approximando-se de Rocha; á meia voz*)

O noivo é o Faria.

(*Ribeiro vai para o fundo, ao encontro dos recém-chegados*).

ROCHA (*chegando-se para a boca da scena; com muito abatimento*)

Meu Deus, quanto verso perdido, quanta rima n'agua!... E eu que tinha para hoje um dithyrambo! Lá se vai o dóte.

SCENA V

(Rocha, Ribeiro, Faria e Siqueira).

RIBEIRO (*adiantando-se para Faria*)

Meu caro Sr. Faria, seja muito bem vindo (*aperta-lhe as mãos*).

FARIA

Antes de tudo, permita, Sr. Ribeiro, que eu lhe apresente o meu particular amigo Alves de Siqueira.

RIBEIRO (*apertando-lhe a mão*)

Conheço-o já de vista. Tenho muito prazer em vê-lo em minha casa.

SIQUEIRA (*inclinando-se*)

A honra é para mim.

RIBEIRO

Basta ser-me apresentado por quem é...

SIQUEIRA

Isto me penhora muito; sei que a amizade de Faria me é summamente lisongeira...

(*Rocha está junto á mesa: os outros chegam-se para a frente*).

RIBEIRO

Sr. Faria, conhece o meu sobrinho Alfredo Rocha?

FARIA (*com frieza e alguma sobranceira*)

Ainda não senhor; de nome... vagamente... Creio que o senhor escreveu um livrinho...

RIBEIRO

Justamente, um livro de poesias...

ROCHA (*com ironia*)

Sim... um livrinho pequenino de versinhos...

RIBEIRO (*para Siqueira*)

Meu sobrinho, Sr. Siqueira; Sr. Siqueira, meu sobrinho (*Os dous cumprimentam-se seccamente*). A proposito já sei que os senhores dous jantam comigo...

SIQUEIRA

Oh! Sr. Commendador, V. Ex. trata-me com demasiada bondade... Eu pedi ser apresentado para... como devia... tratar de um negocio importante...

RIBEIRO

Ficará para depois do jantar... entre o café e o cuação... Com amigos do Sr. Faria, não cuido de negocios (*com intenção*) principalmente hoje... senão depois de nos termos assentados juntos a uma lauta refeição...

SIQUEIRA

Pois bem, resigno-me...

RIBEIRO (*com expansão*)

Ah! muito bem! e verá como recompenso a sua resignação!... Com um peixe! (*Dando um muchôcho*) Que peixe!... O primor dos mares!...

FARIA (*com ar grave*)

Entretanto Sr. Ribeiro, pondero-lhe que o negocio a que allude o meu amigo e que interessa tambem a mim, não póde soffrer demóra...

RIBEIRO (*pressuroso*)

Neste caso, ouvil-o-ei já e já...

ROCHA

Então eu me retiro...

RIBEIRO

Vá lá dentro conversar com a sua prima...

FARIA (*com vivacidade*)

Este senhor é primo de D. Isabel?

(*Faria e Rocha olham um para o outro com arrogancia*).

RIBEIRO

Boa pergunta!... Se é meu sobrinho...

(*Rocha sahe devagar, contestando sempre o olhar de Faria: desaparece e volta logo para trocar novos olhares*).

SCENA VI

(Ribeiro, Siqueira, Faria).

RIBEIRO

Sentemo-nos...

(*Convida Siqueira e Faria a tomarem cadeiras e sentam-se os tres, depois de se cumprimentarem com ar de gravidade e importancia*).

SIQUEIRA (*como que annunciando*)

O meu amigo o Sr. Faria vai falar...

FARIA (*após breve pausa*)

Sr. Ribeiro, venho fallar a V. Ex. a respeito de dous negocios da mais alta importancia... O primeiro, sobretudo, vai entender com o meu futuro (*parando um pouco*) Meu tio sem duvida já lhe ha de ter vindo falar...

RIBEIRO

Pois não... e...

FARIA (*apressadamente*)

Devo contar com a sua benevolencia?

RIBEIRO (*com ar fino*)

O senhor é um maganão feliz... Só lhe digo isto... muito -feliz!

FARIA (*com fingida effusão*)

Agora, sim, reconheço-me como tal... A minha estrella...

SIQUEIRA (*interrompendo*)

Mas o seu merecimento, meu amigo? Tem-no em pouca conta?... Além d'isto tudo estava calculado...

RIBEIRO

E' certo que o senhor soube ganhar todos os corações... Tanta circumspecção...

FARIA (*com ar modesto*)

Oh! Sr. commendador!...

RIBEIRO

Tão bom senso...

FARIA

Sr. commendador!

RIBEIRO

Não, senhor; não, senhor: faço justiça... A minha casa o estima muito...

FARIA

E ella?... sua filha?...

RIBEIRO

Homem... sem duvida ha de ficar contentissima... Ainda não lhe falei... mas é natural..., nada mais natural...

FARIA

Perfeitamente... Agora que tenho certeza do sentimento que lhe inspiro, acho-me capaz de tudo. (*Com tom frio*) Liquidado este primeiro negocio (*emendando com rapidez a phrase*), decidido este primeiro assumpto, passaremos ao segundo, que traz particularmente o meu amigo Siqueira á sua presença...

SIQUEIRA (*tomando a palavra, com volubildade*)

E' cousa infallivel, Sr. commendador; questão simplesmente de confiança. V. Ex. é capitalista; Faria já póde ser chamado seu genro; eu sou amigo d'elle, homem que a ambos deve merecer credito... não é?

FARIA e RIBEIRO (*inclinando-se*)
De certo!...

SIQUEIRA

Assim, pois, procurei por intermedio de Faria vir falar a V. Ex., que, podendo mover de prompto com grandes capitaes, encaminhará uma operação segura, na qual da noute para o dia ganharemos, nós tres presentes, quarenta por cento...

RIBEIRO

Quarenta por cento... da noute para o dia?...

FARIA

Todos os calculos estão feitos... Concorra V. Ex. com setenta contos e...

RIBEIRO

Mas a somma... a somma é grande...

FARIA

Setenta contos?...

RIBEIRO

Caspitel... Não é cousa de atirar fóra... setenta!...

FARIA

Na operação empato cincoenta contos... tal é a minha confiança... digo até, certeza!...

RIBEIRO

Mas... afinal... de que se trata?

SIQUEIRA

Trata-se do algodão...

RIBEIRO

Do algodão?...

SIQUEIRA

Eu me explico... V. Ex. sabe que este genero teve uma baixa consideravel, quando acabou a guerra dos Estados-Unidos, e que o café subiu...

RIBEIRO

Sei perfeitamente...

SIQUEIRA

E desde então vai alteando... Agora participam-me de Santos, por telegramma reservado, balas de algodão, no vapor de cento e cincoenta contos, a preço inferior... Se d'aqui a horas o paquete de New-York, que é esperado a todo o momento, der o augmento de poucos *pences*, tem se feito uma bella operação... A colheita de lá foi má, e o algodão que me offerecem é de qualidade superior...

RIBEIRO (*duvidoso*)

Era bom... reflectir... Assim...

SIQUEIRA

E o palpite?... Ha occasiões em que é necessario atirar-se... E demais que são setenta contos para V. Ex.?... Trinta contos, com que entro, esses, sim, representam arroj e segurança...

RIBEIRO (*com ênfatuação*)

De facto não é somma fabulosa... mas, enfim, não é meia pataca...

SIQUEIRA (*com voz insinuante*)

Se fecharmos o negocio, d'aqui mesmo expeço o telegramma de compra...

RIBEIRO (*voltando-se para Faria*)

Que diz, Sr. Faria?...

FARIA

Tanto quanto é dado ao homem prevêr, a operação é excellente... Senão, reflexionemos um pouco...

RIBEIRO (*approximando a sua cadeira da de Faria*)

Sim... sim, reflexionemos um pouco...

FARIA

Tudo n'este mundo está subordinado a causas, de maneira que para estudar bem os effeitos nas suas menores consequencias é preciso remontar á origem...

RIBEIRO (*abanando a cabeça e voltando-se para Siqueira*)

De certo... subamos á origem...

FARIA (*com tom oratorio*)

Ora bem... Quaes são as causas que produzem no mundo as oscillações do movimento commercial?... Diversas...

SIQUEIRA

Diversas... não ha duvida.

FARIA

Mas qual a predominante?... Sem contestação a politica... Qual é hoje a face politica do globo? Paz

em todos os Estados... A França exausta... a Allemanha triumphante... desconfianças por toda a parte, mas a luta armada impossivel por muitos annos. N'estas circumstancias o café, bebida excitante, tende a descer... O algodão sóbe; as fabricas pedem trabalho... A colheita do Egypto falhou; a dos Estados Unidos foi escassa; a do norte do Brasil não satisfiz a expectação. Pelo contrario ha muito café... e depreciado...

RIBEIRO (*approximando mais a sua cadeira*)

Estou seguindo-o com anciedade...

FARIA (*batendo compasso com a bengalinha que conservára em mão desde a entrada em scena*)

Depois, não nos esqueçamos de um facto natural... Cada genero tem um preço normal que representa a exacta necessidade da população consumidora. O progresso na ascensão justa e natural está sujeito a rigorosas apreciações estatisticas. O café por muito tempo esteve a tres mil réis por arroba; depois passou a cinco e a sete, onde ficou firme...

RIBEIRO

Perfeitamente.

FARIA

Sete é, pois, para assim dizer, o valor intrinseco do café... E' o seu ponto de equilibrio...

RIBEIRO

De certo, de equilibrio (*mexendo com os braços, imitando uma balança*) Isto é uma balança: o fiel marca sete...

FARIA

A sua comparação é justissima.

RIBEIRO (*com vivacidade*)

Então gostou?

FARIA

N'uma concha está o café, na outra...

RIBEIRO (*com rapidez*)

O assucar...

FARIA

Não, o algodão. Nas nossas condições actuaes, são os dous typos de exportação. O assucar pertence agora ao mundo inteiro: tiram-no da beterraba e até de couros velhos...

RIBEIRO

E' verdade: equivoquei-me...

FARIA

O café desce: sóbe o algodão...

SIQUEIRA (*intervindo*)

V. Ex. vê como temos tudo calculado... Podemos contar com os seus setenta?

RIBEIRO (*hesitando*)

Talvez... se eu consultasse com o meu socio... o Lemos...

SIQUEIRA

Qual seu socio!... V. Ex. tem tanto tino! Alem d'isso é irresoluto o tal Sr. Lemos...

RIBEIRO

De facto... elle não tem golpe de vista... esse lance de olhos que vê uma operação em globo...

SIQUEIRA (*apressadamente*)

Como esta, Sr. Commendador, como esta.

RIBEIRO (*vacillante*)

Não direi tanto...

FARIA

O que é necessario é passar quanto antes o telegramma...

RIBEIRO (*decidindo-se de repente e levantando-se*)

Pois vá lá: o Lemos era incapaz. (*Apresentando a mão aberta a Siqueira, que a aperta com mostras de muito respeito*). Toque, Sr. Siqueira; está fechado o negocio! Escreva para Santos...

SIQUEIRA (*dirige-se para a mesa, arranca da carteira uma folhinha de papel e escreve a lapis*)

E' já e já... Ouça, Exm.: «Todo o algodão para Siqueira & Cia. Embarque no primeiro vapor». Agora um criado!

RIBEIRO

Toque a campã.

(*Siqueira bate n'um tympano*).

FARIA

Resolvido este ponto, voltemos ao assumpto (*com fingida commoção*) que fará a minha eterna felicidade.

SIQUEIRA (*para Faria*)

Então vem todo o algodão?

FARIA

Todo. Se mais houver, que mandem! (*mudando*

de tom e voltando-se para Ribeiro). — Sim, a minha felicidade...

SIQUEIRA (*atalhando*)

E se o telegrapho estiver interrompido?

FARIA (*mudando de tom*)

Está trabalhando... Ha pouco passei um telegramma. (*Voltando-se para Ribeiro*) Na verdade o amor que sinto por sua filha...

(*Entra um criado*).

FARIA (*dirigindo-se para o criado e com tom imperativo*)

Entregue de minha parte ao Sr. Queiroz, o administrador...

(*O criado sahe*).

RIBEIRO

Sim, senhor, Sr. Faria; agora, que nós temos entendido, ha de permittir, com o seu amigo, que eu vá cuidar um pouco de minha pessoa antes de apparecer á mesa. (*Para Siqueira*) Como estava decidido, o senhor fica connosco...

SIQUEIRA

Com summo gosto...

RIBEIRO

Verá que peixe!... Parece pescado em Santos! Vale o seu peso de algodão (*rindo-se*). Não gostáram?

SIQUEIRA (*admirado*)

De que?

RIBEIRO

Do meu dito...

SIQUEIRA (*rapidamente*)

Oh! muito... esteve excellente.

RIBEIRO

Eu sou assim... Às vezes tenho graça, mas graça natural, nada forçada... E' como aprecio... Isto de repentinos estudados de vespera não é commigo... Meus senhores, até já... Uns minutos tão sómente, e estou de volta.

(*Ribeiro sahe pela porta da esquerda*).

SCENA VII

(Siqueira e Faria).

(*Siqueira passeia pela sala; Faria está sentado, accende um charuto e põe-se a folhear um album de retratos*).

SIQUEIRA

Emfim, está feito o negocio!

FARIA (*soltando uma fumaça e com indiferença*)

Está sim.

SIQUEIRA (*parando defronte de Faria*)

Mas agora, muito seriamente, digo a você uma cousa...

FARIA

Que é que diz?

SIQUEIRA

Estou com medo. Não é só o meu dinheiro... mas também os setenta contos d'este homem...

FARIA

Você, medroso, só se lembra dos seus trinta...

SIQUEIRA

Ora... mas...

FARIA

Deixe-se de mas... O negocio é bom.

SIQUEIRA (*com anciedade*)

Você acha?

FARIA (*indifferente*)

Acho...

SIQUEIRA

Mas d'onde lhe vem esta segurança?...

FARIA

Quererá você que eu lhe repita tudo quanto disse ao meu futuro sogro?

SIQUEIRA

Não, de certo! Mas, emfim, vamos e venhamos: se o vapor de New-York vier pedindo café e recusando algodão?... Levamos um baque soffrivel...

FARIA

E' possível...

SIQUEIRA

E então?

FARIA

Mas não é provavel, e só é provavel aquillo que um homem serio prevê... O mais é anomalia. (*Ba-*

tendo n'uma folha do album) Eis aqui um factó. Estão n'este album dous retratos... um defronte do outro, como que a se namorarem...

SIQUEIRA (*distrahido*)

De quem são?

FARIA

Um é o de minha noiva; o outro é o do tal primo, o poeta. Não é possível que estes dous jovens photographados tenham inclinação um para o outro?

SIQUEIRA

Com effeito...

FARIA

Mas o que é provavel? E' que a moça tenha considerado que ella não nasceu para casar com um rapaz muito rico de versos, mas pobre de dinheiro... Ella poderá deixar-se namorar, namoral-o mesmo, mas casar-se... fia-se mais fino... Isto é o que o simples bom senso mostra...

SIQUEIRA

Admiro o seu sangue frio. Eu não sou assim... facilmente perco a cabeça. Esta compra de algodão...

FARIA

Ora, deixe-se d'isso. (*Com desprezo*) Trinta contos!

SIQUEIRA

Sinceramente...

FARIA

Se você se afflige quando navegamos no mar

sereno das probabilidades... que fará quando o vento nos açoutar rijo?...

SIQUEIRA

Oh! Faria, nem falar n'isso é bom.

FARIA (*fechando o album com força e levantando-se*)

Pois eu... sou homem para a lucta... e...

(*Um criado entra e entrega uma carta a Siqueira*).

SIQUEIRA

Está passado o telegramma... O algodão é nosso...

FARIA

Ás mil maravilhas... Chegue agora o paquete de New-York e teremos feito um optimo negocio... E não póde tardar... De um lado ganho com o algodão, do outro desfaço-me de um carregamento de café que vinha de Campinas. Sou um general previdente... De mim não se dirá que não cuidei.

SIQUEIRA

Não, de certo; mas a sorte é tão caprichosa...

FARIA

Qual sorte! O descuido dos homens é que merece este nome, nada menos. Infatuados, pueris, buscam uma explicação sobrenatural para a sua desidia. Porque é que o destino tem sempre me ajudado? Meu amigo, tudo n'este mundo cifra-se no esforço proprio, na iniciativa e nas quatro operações da arithmetica.

SIQUEIRA

Eu sempre conservo o meu medo...

FARIA

Você quer ceder-me a sua parte?...

SIQUEIRA (*apressadamente*)

Não, não! Afianço-lhe que estou perfeitamente tranquillo...

FARIA

Pois então não falemos mais n'isso, tanto mais que ahi vem gente.

(*Ribeiro apparece na porta da esquerda. Vem de casaca.*)

SCENA VIII

(Siqueira, Faria e Ribeiro).

RIBEIRO (*puchando os punhos da camisa*)

Estou prompto, promptinho... Creio que não me fiz esperar demais...

FARIA

Não, de certo.

RIBEIRO

Perfeitamente!... D'aqui a pouco estaremos á mesa. O Sr. Siqueira verá que peixe!...

SIQUEIRA

V. Ex., porém, me disse que...

RIBEIRO

Minha excellencia não attinge a d'elle... Não ha môlho que me sirva. (*Rindo-se*) Não gostou?

SIQUEIRA

Muito... mas gostarei ainda mais do peixe...

RIBEIRO

Sim, senhor; teve tambem espirito. Mas faltanos o compadre Ignacio... Quererá elle dar ponto hoje? Logo hoje! O certo é que está tardando. (*Ouve-se barulho fóra*). Estão subindo a escada: sem duvida é elle... Deus permitta que não venha muito nervoso!

SCENA IX

(Siqueira, Faria, Ribeiro e Lemos).

LEMOS (*entra precipitadamente com ar de grande prostração e atira-se n'uma cadeira*)

Ai! não posso mais... morro de calor... que commoção!

RIBEIRO

Que tem você?... Estava tardando... o jantar...

LEMOS (*levantando-se precipitadamente*)

Não se trata de jantar! Não quero jantar... hoje ninguem deve jantar...

RIBEIRO (*inquieta*)

Mas que ha? Você me assusta...

LEMOS (*passeiando agitado*)

Que ha? E' que acabo de comprar uma partida forte de café e recusar algodão. Que ha? E' que d'aqui a pouco podemos, com a chegada do vapor

americano, ganhar muito ou perder ainda mais. E' o que ha!

RIBEIRO

Comprou café?... Recusou algodão? Estamos bem aviados! Temos prejuizo certo...

FARIA

E' cousa infallivel!

LEMOS (*reanimando-se*)

Mas porque, homens de Deus? Vocês me põem doudo...

SIQUEIRA

Eu me abstinha...

RIBEIRO

Por certo... mas em alguns falta o lance de olhos...

FARIA

Querem apressar-se...

LEMOS

Talvez tenham razão (*com acabrunhamento*). Aquellas saccoas de café me esmagam. (*Reanimando-se*) Mas ao menos esperemos pelo vapor de New-York...

FARIA

Não ha que esperar...

SIQUEIRA

E para que esperar?

RIBEIRO

Esperar o que?

LEMOS (*muito abatido*)

E' verdade... é verdade...

RIBEIRO (*com seccura e concertando a garganta*)

De modo que o Sr. Lemos, sem me consultar, metteu-se a calculista e...

LEMOS (*deixando-se cahir sentado e no maior desconsolo*)

Tem razão... tem razão... Compadre, o nosso prejuizo é grande...

RIBEIRO (*com muita importancia*)

Isto não é o que mais me aborrece... E' vê-lo assim arriscar-se sem prévio conselho meu... Olhe, emquanto o senhor fazia imprudencias, eu realizava com toda a calma uma operação grave, premeditada e de lucros certos. Fechei uma compra de algodão em Santos consideravel...

FARIA (*intervindo*)

E' verdade, o Sr. commendador, eu e Siqueira, acabamos de telegraphar e amanhã poderemos impôr o nosso preço ao mercado.

(*Fonseca entra e ouve as ultimas palavras de Faria*).

SCENA X

(Siqueira, Faria, Ribeiro, Lemos e Fonseca).

FONSECA

Impôr preço ao mercado? De que modo?

FARIA

Eu lhe explico.

(*Vai para Fonseca e fala-lhe baixo*).

LEMOS (*levantando os olhos para Ribeiro, abatido*)

Você salvou-nos, Sr. compadre...

RIBEIRO

E' sempre assim... Eu já lhe disse muitas vezes que lhe faltava o palpito...

FONSECA (*alto*)

O negocio é excellente.

SIQUEIRA

Optimo... mas devéras, estou com medo...

FONSECA

Pois, então, ceda-me metade do que lhe toca...

SIQUEIRA (*irresoluto*)

Não... não quero... entretanto...

FONSECA (*com superioridade*)

Então ceda-me tudo!

SIQUEIRA

Tudo?

FONSECA

Sim, tudo com 20 % de lucro. Aceita?

RIBEIRO

Bonito, bonito, Sr. Fonseca, gosto deste rasgo.

FONSECA

Então aceita?

FARIA

Você está com receios... você o da idéa... aceite...

SIQUEIRA (*resolvendo-se*)

Pois vá lá... Eu me contento com pouco. Mas palavra, se o senhor ganhar... tem de me agradecer a lembrança...

FONSECA

Quer que lhe dê uma clareza?

SIQUEIRA

Não, senhor, a sua palavra vale ouro.

SCENA XI

(Os mesmos, um criado).

O CRIADO

Esta carta urgentissima para o Sr. commendador.

RIBEIRO (*apressadamente*)

Dê-m'a. (*Lê*) Meus senhores, o vapor americano está entrando. Fala-se em alta no algodão...

SIQUEIRA (*com dór*)

Oh! Faria!... Meu algodão...

FONSECA (*com voz de triumpho*)

Quer comprar a minha parte? 30 % de lucro sobre a venda!

SIQUEIRA

O senhor me mata!

RIBEIRO (*para Lemos*)

Compadre, tem algodão que vender?

LEMOS (*sempre sentado; lugubre*)

E o meu café!... O remedio é bebê-lo todo. Ar-rebentarei!

(Ouve-se uma voz fóra gritar: Meu pai! Meu pai! barulho na escada).

RIBEIRO

Que é isto?

SCENA XII

*(Siqueira, Fonseca, Faria, Ribeiro, Lemos e Alberto).*ALBERTO LEMOS, (*vem offegante e mal póde falar*)

Meu pai... o vapor americano... alta no café... algodão desceu!

LEMOS (*dá um grito de espanto e ergue-se da cadeira*)

Café?!... Café?...

ALBERTO

Pede-se de toda a America do Norte.

TODOS

Impossivel!

ALBERTO

Leiam! (Entrega um boletim a Ribeiro, que é logo cercado por todos com grande sofreguidão).

RIBEIRO

E' verdade! Mas... arredem-se um pouco... Os senhores me suffocam!

LEMOS (*com voz de triumpho*)

Eu logo vi!

FONSECA (*deixando-se cahir na cadeira em que estivera Lemos*)

Em que tremedal me metti! Infame algodão!

SIQUEIRA (*chegando-se para Fonseca*)

Coragem, Sr. Fonseca!... Vou certificar-me das noticias. Não se esqueça de mim.

(Toma o seu chapéo e sahe arrebatadamente).

SCENA XIII

*(Faria, Fonseca, Ribeiro, Lemos e Alberto).*FONSECA (*levantando-se*)Não! isto é horrivel!... D'esta feita... *(Com explosão)* Mas é preciso fazer alguma cousa... tomar providencias!... Anda, Faria! *(Sacode com força Fa-*

ria, que parece estar meditando). Diga alguma coisa... Você sempre tem idéas...

FARIA (*meio abatido*)

Estou pensando...

FONSECA (*irado*)

Qual pensando! Agora não é hora de pensar. Queremos factos... factos...

RIBEIRO (*muito sêcco para Faria*)

E' facto que o senhor, com suas historias... en-calacrou-me (*Com gestos da scena anterior*). Equilibrio, alta... baixa... isto, aquillo e aquillo outro, o certo é que agora em Santos o meu dinheiro (*Pensando nas palavras*) está ardendo... e...

LEMONS (*interrompendo-o*)

Deixe isso... Os nossos lucros por cá compensam tudo...

RIBEIRO (*com altivez*)

Não me queixo da perda... deploro tão sómente que calculos...

FARIA (*como que acordando do lethargo*)

Um telegramma para Santos... um telegramma!... Um criado, depressa!

ALBERTO (*que tem estado a olhar para o interior da casa*)

E' inutil: ha cinco minutos o telegrapho interrompeu as communições... E' noticia certa...

FONSECA

Meu Deus! Meu Deus! Tudo nos acabrunha!...

RIBEIRO

Mais calma, meu amigo! Mais calma!

FONSECA (*desabrido*)

Vá á breca com os seus conselhos (*Agarrando na cabeça com desespero*). Minhas perdas! (*De repente*) Ah! uma idéa. Compadre, podemos remediar alguma cousa! Uma idéa! (*Para Faria, imperioso*) Você vai partir d'aqui a meia hora...

FARIA

Para onde?

FONSECA

Para Santos... O vapor sahe ás 5 horas da tarde... ha tempo de sobra... Não deixe embarcar o algodão... Ao menos espere elle em Santos... Talvez deixando passar a primeira impressão na praça... d'aqui a dias...

FARIA

E' uma idéa, mas...

FONSECA

Mas o que?

FARIA

E o Sr. Ribeiro?... O jantar?... O nosso?...

FONSECA

Fica tudo adiado... ninguem come enquanto você não voltar... Dous dias, ou pouco mais...

RIBEIRO (*com a mão mettida dentro do bolso do collete*)

Perdôe-me: isto não. (*Com sorriso um pouco*)

altivo) Mas ninguém pôde retê-lo... Antes de tudo...
(*Accentuando*) de tudo, os negocios...

FONSECA

Você bem vê... vamos! Aviemos isto (*Baixo*). Eu
arranjo tudo; o casamento e o mais. (*Alto*) Vamos.

FARIA (*um pouco acanhado*)

Então o Sr. commendador... consente?

RIBEIRO

Pois não... com muito gosto... por minha parte...

FONSECA (*com alegria forçada*)

Ah! muito bem! depressa agora... A Santos! A
Santos! (*Procura empurrar Faria*) livra-nos d'essa...

FARIA (*com alguma resistencia*)

Deixe-me ao menos despedir-me... (*Estendendo
a mão a Ribeiro*) Dê-me então suas ordens...

RIBEIRO (*com frieza*)

Seja feliz... e avisado...

FONSECA

Eu vou pô-lo a bordo... Não acham prudente?

LEMOS

De certo...

RIBEIRO (*sempre secco*)

E' medida de segurança.

SCENA XIV

(Alberto, Lemos, Ribeiro, Fonseca e Rocha).

ROCHA (*ao entrar esbarra quasi com Faria*)

Oh! senhor!...

FONSECA

Adeus... adeus, vamos de sahida...

ROCHA

Boa viagem!

(*Faria estende-lhe a mão: o outro volta-lhe as
costas*).

FARIA

Oh! eu...

FONSECA

Vamos... vamos... não ha tempo a perder...

(*Faria encolhe os hombros e sahe quasi empur-
rado por Fonseca*).

SCENA XV

(Alberto, Lemos, Ribeiro e Rocha).

(*Ribeiro passeia de um lado para outro com
as mãos por baixo das abas da casaca; Lemos con-
versa com o filho; Rocha, de pé, no meio da scena,
com os braços cruzados sobre o peito*).

ROCHA (*ironico e sombrio*)

Então o Sr. Faria se retira?

RIBEIRO

Parece... tem que ir a Santos... Negocios...

ROCHA

E é a elle que o senhor vai dar o seu mais bello thesouro?

ALBERTO (*assustado*)

Hein?

RIBEIRO

Ora, Alfredo...

ROCHA

Consulte a sua consciencia, meu tio (*melodramaticamente*), e decida se elle é digno da noiva que lhe reservam...

ALBERTO (*assustado sempre*)

Noiva?

ROCHA (*continuando*)

Não, eu tambem sou parente... tenho que er-guer a minha voz... Quer uma prova mais evidente da baixa ganancia... do mercantilismo do que a que acaba de ter?... Por uma questão de contos de réis... este homem, que fingia um sentimento, esqueceu tudo e sobre tudo a sua noiva, anjo de innocencia, gemma de um valor inestimavel...

ALBERTO

Mas quem é essa?

ROCHA (*arreatado*)

Oh! é um diamante de Golconda... é um seraphim capaz de levar as almas ao paraizo só com o poder do seu olhar... é emfim...

RIBEIRO

Se fala de minha filha, declaro-lhe que ella ainda não é noiva...

ROCHA

Mas o que o senhor me disse ha pouco fazia crêr...

RIBEIRO (*meio zangado*)

Ha pouco eu lhe disse muita cousa... Na realidade, pensei que poderia... mas... emfim... nem tudo... quanto se pensa, pode realizar-se... Ahi é que está o cunho do talento reflexivo. (*Animando-se a pouco e pouco*). — E com mil bombas! este procedimento desagrada-me solememente...

LEMON (*com a mão no queixo*)

E com toda a razão.

RIBEIRO (*exaltado*)

Razão tenho de sobra... E' fazer pouco em mim. N'um dia em que convido para jantar não pode haver motivos...

ROCHA

Justamente, justamente...

RIBEIRO

E depois do que tinhamos conversado... Oh! isto não ha de ficar assim... Desfaço tudo...

ROCHA (*continuando no mesmo tom*)

Por uma questão pequenina de dinheiro! (*Com muito desprezo*) Oh! indigno metal! tão negro como as entranhas da terra em que vives!

RIBEIRO

Tem razão, tem razão, meu sobrinho e amigo!
Ao Faria nunca hei de dar a minha filha...

ALBERTO (*intervindo*)

Por certo... E' um coração secco...

ROCHA

Um ganhador...

RIBEIRO

Felizmente foi desmascarado... Uma insignificante
quantia que perdeu derrubou-lhe o edificio da hy-
pocrisia... Aquella menina devia pertencer a quem
a merecesse pela elevação de sentimentos.

ROCHA (*com exaltação*)

Oh! meu pai (*Aperta as mãos de Ribeiro*).

ALBERTO (*admirado*)

Mas que é isto?

ROCHA (*com affectação*)

E' um quadro de familia... Veja e entorneça-se
(*Abraça Ribeiro que não lhe mostra boa cara*).

RIBEIRO (*meio triste*)

A final os poetas tem sempre razão...

SCENA XVI

(Lemos, Alberto, Rocha, Ribeiro e D. Rita).

D. RITA (*entrando pela porta da direita*)

Então, meus senhores, quando quizerem, farão
o favor de entrar. O jantar nos espera. Mas onde
está o compadre Fonseca? o Sr. Faria ainda não
chegou?

RIBEIRO

Aqui estiveram ambos e partiram...

D. RITA

Mas voltam já...

RIBEIRO (*seccamente*)

Não voltam tão cedo... partiram...

D. RITA

Para onde?...

RIBEIRO

Para Santos...

D. RITA

N'um dia como o de hoje! Depois das promes-
sas! Que foi? Que houve?

RIBEIRO

Um negocio de algodão...

D. RITA

Não ha negocio que pudesse obrigar-os a se re-
tirar...

RIBEIRO (*com explosão*)

Não sei, não sei, nada sei, mas o que lhe digo, Sra. D. Rita Ribeiro, é que a minha filha, a sua, a nossa filha não casará nunca com o tal Faria. (*Com tom lugubre*) E' excusado pedir ou chorar. Ella não casa nem com o Faria, nem com o compadre, nem com ninguem...

D. RITA (*admirada*)

Expliquem-me o que houve... Estou pasma.

RIBEIRO

Eu nada lhe explico... já manifestei a minha vontade e aqui (*com resolução*) não é casa de Gonçalo, em que a gallinha cante mais do que o gallo... E' excusado, senhora...

D. RITA (*picada*)

Mas quem lhe disse que eu morro de amores pelo Faria?... Minha filha, graças a Deus não precisa mendigar noivos...

ROCHA (*adiantando-se*)

Minha tia, em duas palavras lhe explico tudo... O tal pretendente á mão de minha adoravel prima metteu-se, e por seus conselhos metteu o tio, em uma compra de algodão em Santos. Agora acontece que o genero baixou, de modo que elle, sem consideração alguma pela bondade com que o tratava o Sr. Ribeiro, arranhou inopinadamente uma viagem para Santos, afim de vêr se podia dar algum remedio aos seus prejuizos... Não houve nada que o retivesse... nem a honra de jantar hoje aqui, nem a perspectiva de estar com Isabel, que entretanto já lhe tinha sido quasi dada...

RIBEIRO (*tossindo e cortando a palavra a Rocha*)

Isto é, o tio, o animal do Fonseca, procurou, etc., etc., e tal... mas eu...

ROCHA

Então o meu tio offende-se d'aquelle insolito procedimento e...

D. RITA

De certo, fez muito bem...

ROCHA

Compreendeu com a sua nobreza d'alma...

D. RITA

Eu faria o mesmo...

ROCHA

E deu o dito por não dito...

RIBEIRO (*com resolução*)

E se eu disse alguma cousa, dou o dito por não dito... Em dignidade ninguem me ha de vencer...

LEMOS

Perfeitamente, compadre...

ALBERTO

Aquelle modo de proceder foi indesculpavel...

LEMOS

Extraordinario...

ROCHA

Inexplicavel...

RIBEIRO (*com ar de dignidade offendida*)

Digam antes de tudo offensivo; mas eu soube manter-me na posição que me convinha... Não acha, Sr. Lemos?

LEMOS

Optimamente...

D. RITA

Agora compreendo tudo, e só lhe digo que o Sr. Fonseca ha de me ouvir...

RIBEIRO

Pobre Fonseca! Ficou aniquilado com a possibilidade de um prejuizosinho... O Siqueira prégo-lhe boa!... E' verdade que os meus setenta...

(*Isabel apparece na porta da direita*).

SCENA XVII

(Lemos, Alberto, Rocha, Faria, D. Rita e Isabel).

ISABEL

Porque tanta demora, mamãe?... O jantar...

ALBERTO (*adiantando-se para Isabel*)
Minha senhora... eu...

ISABEL (*com acanhamento*)
Meu senhor...

ROCHA (*precipitando-se*)
Oh! minha prima!...

ISABEL (*adiantando-se*)

Que tem, primo Alfredo? Acho-o commovido.

ROCHA

E' de alegria... estou fóra de mim... commovido, sim, e muito...

RIBEIRO

Acabemos com isto, senão eu tambem passo a commover-me!...

D. RITA

Eu já estou commovida...

RIBEIRO

Vamos lá... casem-se, casem-se depressa.

ROCHA

Que dia este!

ALBERTO (*com surpresa e dôr*)

Que é isto?

ISABEL (*muito admirada*)

Eu, casar-me?

RIBEIRO

Sim... faço-lhe a vontade...

ROCHA (*muito apressado*)

Emfim, posso dizer que a amo, Isabel... que a adoro, a idolatro...

RIBEIRO

E é com estes conceitos que os poetas nos dão batalha e nos vencem.

ISABEL (*com constrangimento*)

Devéras eu... estimo muito o meu primo... admiro o seu talento... mas...

ALBERTO (*chegando-se em tom de supplica*)

Fale, D. Isabel... estou soffrendo como um desgraçado.

RIBEIRO (*admirado*)

Então que é isto? Você diz que...

ISABEL

Eu... não amo a meu primo...

TODOS

Oh!

(*Olham-se uns para os outros: Alberto está muito alegre; Ribeiro puxa o beijo, como pessoa que labora em grande duvida*).

RIBEIRO

Esta não está má! (*Para Isabel*) Então você de quem gosta?

ISABEL (*enrubecendo*)

De ninguem, papae...

ALBERTO (*com tom de supplica*)

D. Isabel...

ROCHA (*implorando*)

Oh! minha prima, que cruel momento! Por que crime estarei expiando tanta dôr! Os meus versos, os meus cantos devem já lhe ter dito quanto amor lhe consagro, e entretanto... quando tudo parecia indicar o final de um soffrimento immenso, uma unica palavra

sua cruel, implacavel, veio atirar-me em abysmo insondavel...

(*Durante este tempo Alberto que tem falado com seu pae, empurra-o para que se adiante*).

LEMOS

Sr. Ribeiro, eu... venho pedir-lhe a mão de... de sua filha...

RIBEIRO

Homem, é excellent! Até você é candidato?...

LEMOS (*apressadamente*)

E' para meu filho... meu filho Alberto...

D. RITA (*graciosa*)

E' uma cousa muito possivel.

RIBEIRO

Mas ella diz que não quer ninguem: que hei de...

ISABEL (*intervindo com animação*)

Papae, eu não disse isto...

RIBEIRO

Então você aceita o Alberto?

ALBERTO (*sofrego*)

D. Isabel... minha sorte depende da senhora...

ISABEL (*confusa*)

Se... papae... consentir... Querendo a mamãe...

RIBEIRO (*risonho*)

Ah! sonsinha, isto é namoro velho. (*Para D. Rita*)
E a senhora não me dizia nada!...

D. RITA

Eu de nada sabia...

RIBEIRO

Pois eu... também ignorava. Em todo o caso dou com ambas as mãos o meu pleno consentimento.

D. RITA

Eu com a maior satisfação...

ROCHA (*adiantando-se com ar sombrio e theatral*)

E eu? Que fazem de mim? De mim que entrei hoje aqui com um céu na alma, e saio com a morte no coração!... A quem hei de maldizer?... Só a meu destino?

RIBEIRO (*puxando-o pela sobrecasaca*)

Ora, deixe-se disso, Alfredo, e vem comer o nosso peixe.

ROCHA (*encara fixamente e por instantes Ribeiro: depois exclama*)

Não quero comer o seu peixe! (*Sahe arrebatadamente*).

SCENA XVIII

(Lemos, Alberto, Ribeiro, D. Rita e Isabel).

RIBEIRO

Vai o pobresinho furioso (*levantando os hombros*). Hão de vocês vêr que versalhada sahe daquelles furores. O certo é que no fim de contas faz-se um casamento com quem ninguém contava...

LEMOS

Agrada-lhe menos...

RIBEIRO

Qual!... Está muito conforme com as minhas idéas... Não tróco o meu novo genro por uma duzia de Farias ou uma carregação de poetas... Agora todos juntos, vamos á mesa beber á saude dos noivos... Comeremos do tal peixe por quantos deixáram de lhe chupar as espinhas... A' mesa e depressa... porque, como diz o proverbio: «Da mão á boca se perde a sôpa».

(*Cahe o panno*)



INDICE

<i>Prefacio</i>	3
A conquista do filho	7
Por um triz coronel!	51
Da mão á boca se perde a sopa	81

CIA. MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)

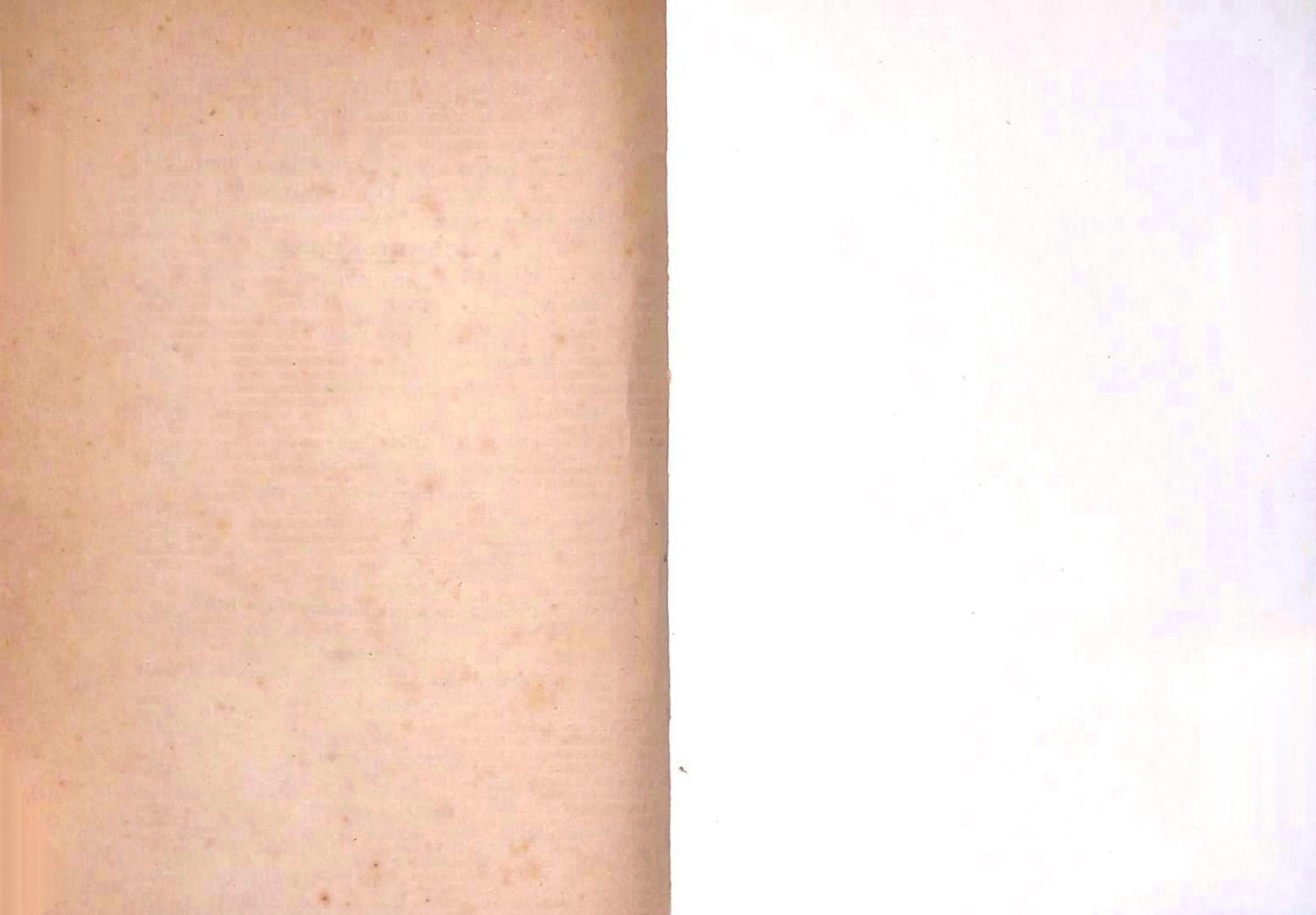
Matriz: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 30-30 D
Caixa Postal, 2941

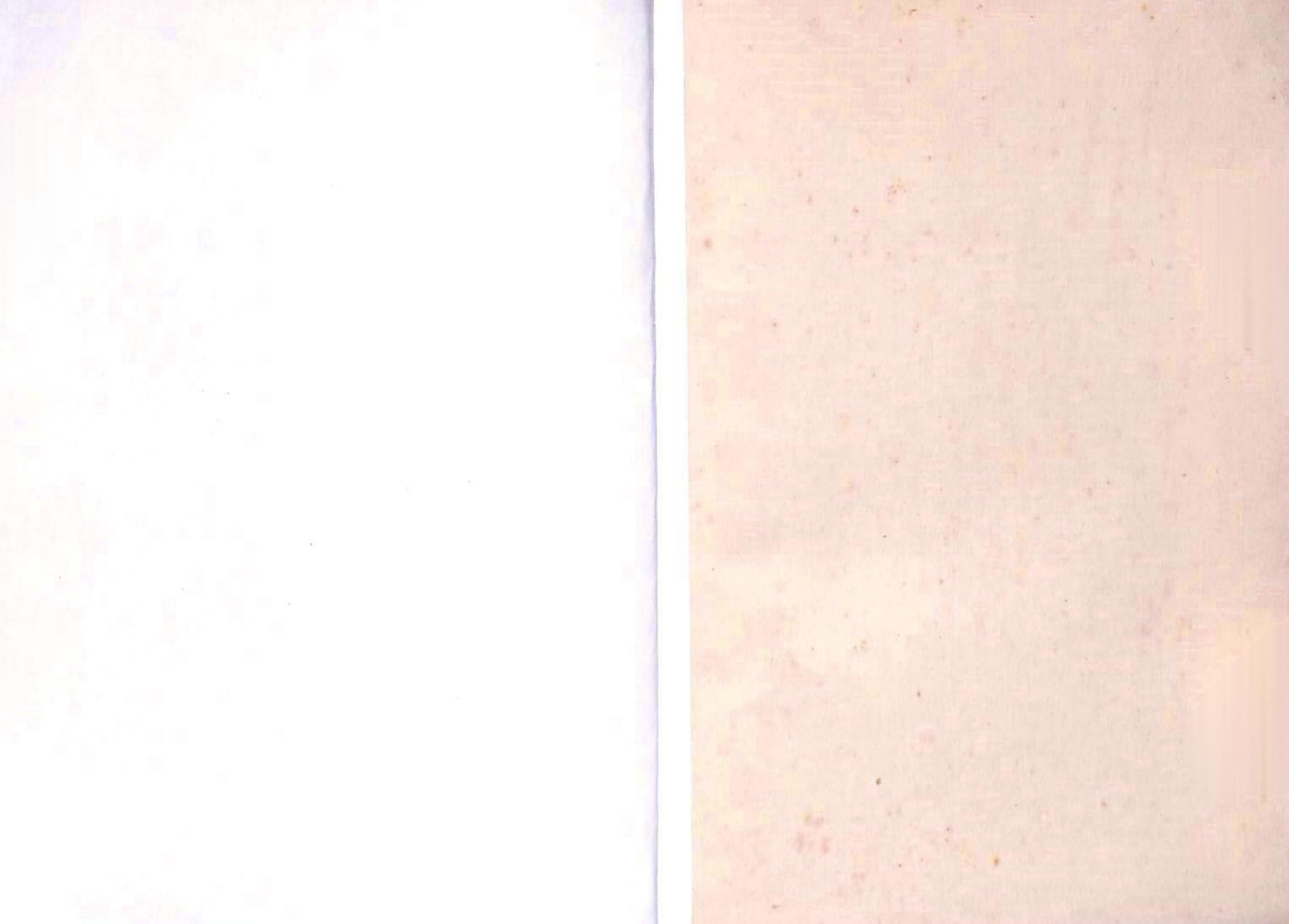


Filial: RIO DE JANEIRO
Rua Buenos Aires, 40-42
Caixa Postal, 1617

EDIÇÕES DA CASA

Coelho Netto	
A Cidade Maravilhosa	6\$000
Gustavo Penna	
Caixa de Mascate (contos)	5\$000
Pedro Calmon	
O Thesouro de Belchior	6\$000
Arthur Neiva	
D'Aqui e de Longe — Impressões de viagem	8\$000
Gustavo Barroso (João do Norte)	
Almas de Lama e de Aço	6\$000
Apologos Orientaes	4\$000
Através dos Folk-lores	6\$000
Lourenço Filho	
Joaseiro do Padre Cicero (Scenas e quadros do fanatismo no Nordeste)	8\$000
Gustavo Kuhlmann	
Bondade e Patria (Poesias)	5\$000
Fontoura Costa	
Caipiradas	4\$000
Celina Azevedo	
Scenas e Comedias	8\$000
Mario de Azevedo	
Vigilias (Poesias)	5\$000





C.ª MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS incorporada)

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

Rua Libero Badaró N. 30-30.D

Rua Buenos Aires N.ºs 40-42

Caixa Postal, 2941

Caixa Postal, 1617

EDIÇÕES DA CASA

Obras do Visconde de Taunay

Amelia Smith	6\$000
A Cidade do Ouro e das Ruínas	5\$000
A Guerra do Pacifico	5\$000
A Retirada da Laguna (com documentos)	8\$000
» (sem » »)	6\$000
Ao Entardecer	5\$000
Cartas da Campanha	5\$000
Céus e Terras do Brasil	5\$000
Diario do Exercito — 1.º vol. — A campanha da Cor- dilha	7\$000
2.º vol. — De Campo Grande a Aquidaban	7\$000
Dias de Guerra e de Sertão	6\$000
Dois Artistas Maximos — José Mauricio e Carlos Gomes	6\$000
Em Matto Grosso Invadido	6\$000
Entre os nossos Indios	6\$000
Homens e Cousas do Imperio	5\$000
Innocencia — broch. 6\$; encad.	15\$000
José Mauricio Nunes Garcia	6\$000
Manuscripto de uma mulher	6\$000
Marcha das Forças	7\$000
No Declinio	5\$000
O Encilhamento — broch. 5\$; encad	14\$000
Ouro sobre Azul	8\$000
O Visconde do Rio Branco	6\$000
Paizagens Brasileiras	5\$000
Philologia e Critica	5\$000
Por um triz, Coronel!	6\$000
Recordações de Guerra e de Viagem	5\$000
Reminiscencias	5\$000
Servidores illustres do Brasil	6\$000
Trechos de minha vida	6\$000
Viagens de Out'ora	5\$000
Visões do Sertão	6\$000

